

Enio Starosky / Jean Lauand

TIPOS DE KEIRSEY - TRÊS ESTUDOS

Edições Cemoroc-Feusp
2024

Copyright © 2024 dos autores
Todos os direitos reservados.

Conselho Editorial dos livros do Cemoroc

Diretores:

Jean Lauand (Feusp)
Paulo Ferreira da Cunha (Univ. do Porto)
Sylvio R. G. Horta (FFLCH-USP)

Membros:

Aida Hanania (FFLCH-USP)
Chie Hirose (Pós-Doutora Feusp)
Enric Mallorquí-Ruscalleda (Indiana University-Purdue
University Indianapolis)
Gabriel Perissé (Pós-Doutor Unicamp)
Lydia H. Rodriguez (Indiana Univ. of Pennsylvania)
María de la Concepción P. Valverde (FFLCH-USP)
Maria de Lourdes Ramos da Silva (Feusp)
Nádia Wacila H. Vianna (Fea-USP)
Pedro G. Ghirardi (FFLCH-USP)
Pere Villalba (Univ. Autònoma de Barcelona)
Roberto C. G. Castro (Pós-Doutor Feusp)
Rui Josgrilberg (Dr. Univ. Strasbourg)
Sílvia M. Gasparian Colello (Feusp)
Terezinha Oliveira (Uem)
Vitor Chaves de Souza (UFPB)

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira de Livro, SP, Brasil).

Starosky, Enio; Lauand, Jean
Tipos de Keirse - três estudos; São Paulo: Cemoroc, 2024
ISBN 978-65-01-06103-0
1. Psicologia 2. Filosofia 3. Teologia I. Título

Todos os direitos desta edição reservados ao CEMOROC
<http://www2.fe.usp.br/%7Ecemoroc/>

SUMÁRIO

Nota Introdutória	05
A tipologia de David Keirse e preferências religiosas	07
Tipos de David Keirse – identificando algumas características (1ª. parte)	33
Tipos de David Keirse – identificando algumas características (2ª. parte)	63

Nota Introdutória

Como se sabe, o Cemoroc (Centro de Estudos Medievais Oriente & Ocidente), centro de pesquisas da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, mantém como uma de suas principais linhas de pesquisa a teoria de David Keirsey, moderna psicologia dos temperamentos, com importantes aplicações para tantos campos, como: a educação, a administração, a filosofia, a análise literária, a religião etc.

Pode-se dizer que o Cemoroc é não só o principal e o pioneiro nesse campo em nosso meio acadêmico, mas possivelmente o único, sobretudo se atentarmos para o nível de excelência de sua equipe dedicada a esses estudos.

Em nosso Centro, Keirsey é estudado tematicamente, pelos pesquisadores da linha “A Teoria de David Keirsey” do Grupo de Pesquisa do CNPq liderado por Jean Lauand: Enio Starosky, João Sérgio Lauand, Chie Hirose, Nadia Hanania, Alexandre Medeiros e Sylvio Horta.

Esses estudiosos já publicaram – desde 2010 – mais de 40 artigos científicos sobre DK e que se encontram enumerados e comentados em “Estudos sobre Keirsey nas revistas do Cemoroc” (VV. AA.: <http://www.hottopos.com/isle25/85-90JSLauKeirseyF.pdf>) e em artigo de Alexandre Medeiros “Estudos keirseyanos nas revistas do Cemoroc 2017-2021” (<http://www.hottopos.com/convenit36/14KeirseyAle.pdf>).

Os três artigos selecionados para esta edição, originalmente publicados em revistas do Centro, recolhem diálogos da orientação de Lauand para a tese de doutorado de Starosky: “David Keirse e a religião: a tipologia na compreensão de perfis religiosos”, defendida na UMESP em 2020. Mas não se limitam à temática religiosa, pelo contrário, abrem-se a uma vasta gama de âmbitos, sobretudo o da literatura, mas também o da política, da comunicação etc.

Um fator determinante na escolha desses três estudos foi o de oferecer ao leitor um tratamento concreto, palpável, com exemplos vívidos dos conceitos e teses de DK – como o divertido episódio do Fernão ou a elucidativa análise do Velho do Restelo de “Os Lusíadas” – um verdadeiro tesouro que lhe facilitará enormemente a compreensão e o “apropriar-se” dessa teoria.

A Editora
São Paulo, 21 de junho de 2024

A tipologia de David Keirsey e preferências religiosas

Enio Starosky
Jean Lauand

1. Introdução - As preferências E x I e práticas religiosas

Como se sabe, o psicólogo norteamericano David Keirsey (1921-2013, a partir de agora abreviado por DK) propôs – fundamentalmente em duas de suas obras: *Please Understand Me I e II*; Kersey (1984) e Keirsey (1988) – uma importante tipologia de temperamentos, fundamentada em preferências em torno de quatro pares de fatores: E/I; S/N; F/T; J/P.

Não é nosso objetivo aqui expor detalhadamente essa teoria, já bem desenvolvida em nosso meio acadêmico pelo recente livro de João Sérgio Lauand (2014) e seus artigos, bem como pelos estudos pioneiros de Maria de Lourdes Ramos da Silva, amplamente disponíveis na Internet.

O que sim pretendemos é lançar algumas bases para o relacionamento desses fatores de DK (deixando os tipos fundamentais e tipos mais completos para outra ocasião) com preferências religiosas (das religiões cristãs), tanto individuais como comunitárias, buscando estabelecer alguma conexão de sentido entre esses dois polos. Trata-se aqui ainda

de trabalho incipiente e assistemático buscando provocar o diálogo com estudiosos, que nos ajudem com suas sugestões e discussões, na obtenção de dados e na identificação de instâncias significativas em que esse relacionamento ocorra.

Assim, de momento, trataremos de modo amplo de diversas instâncias das religiões (e das diferenças de estilo dentro de alguma determinada confissão ou família religiosa), buscando apenas abrir o leque em que se verificam essas relações. Um trabalho particularmente sugestivo para nós nesse sentido é o de Goldsmith (1997).

2. As preferências E x I e práticas religiosas

Como dizíamos, DK estabelece oposição entre 4 pares de fatores, a começar pelo par E/I, extroversão / introversão. Desnecessário dizer que o uso tipológico que faremos dessas preferências está sujeito às ressalvas metodológicas próprias de qualquer abordagem tipológica: não confundir o tipo com a realidade; admitir a mistura de fatores opostos dentro de um mesmo sujeito (que pode ser, por exemplo, em alguma medida *S* e *N* ao mesmo tempo e não um tipo puro *S* ou *N*); neutralidade ética e valorativa dos diversos tipos (um não é “melhor” do que o outro) etc.

Sem entrarmos em detalhes técnicos da caracterização dessas preferências e resumindo ao máximo, o tipo E carrega suas baterias de energia interior na interação com os outros; já o I (que não deve ser confundido com “o tímido”) se desgasta rapidamente ao interagir com “la gente”, com muitos e desconhecidos. Sendo E a preferência da imensa maioria das pessoas (cerca de 80%), os padrões sociais de

convivência consolidam essa tendência, dificultando ainda mais as coisas para a minoria I, sobretudo no Brasil, de acentuada vigência (para usar o clássico conceito de Ortega y Gasset) E: cf. p. ex.: (LAUAND, Jean 2013) e (LAUAND, Jean 2004).

Descendo ao campo do concreto, evidentemente, uma prática religiosa como o tradicional retiro espiritual de alguns dias em silêncio – que evoca os 40 dias de Jesus no deserto – será bem considerada por um sujeito de preferência I e talvez insuportável para um de acentuada preferência E. Reciprocamente, o I terá grandes dificuldades em participar de encontros ou grupos de oração nos quais a proposta é a de abrir (no jargão religioso, “partilhar” ou “dar um testemunho”) – ou até escancarar – a intimidade espiritual para o grupo, escancarar emoções, abraçar pessoas que acabou de conhecer, falar em línguas etc.

Em um site de grupo católico de perfil ISTJ (na medida em que é cabível falar assim, com as licenças metodológicas deste artigo de exploração prévia e *data venia* da antecipação dos tipos completos) recolhem-se críticas à RCC (Renovação Carismática Católica) e seu acentuado perfil E e F (já antecipando o fator F):

Chego a pensar que para esses carismáticos a RCC detém uma missão quase revolucionária; destruir as estruturas “antiquadas” e “arqueológicas” da Igreja, criando uma nova cara “moderna” e “jovem”; o triunfo da bateria e da guitarra, a aposentadoria do missal e do

órgão, o fim da mística e contemplação, o reino
do oba-oba litúrgico.
([http://www.veritatis.com.br/conheca-
mais/7266-a-polemica-continua-a-rcc-e-certos-
leitores](http://www.veritatis.com.br/conheca-mais/7266-a-polemica-continua-a-rcc-e-certos-leitores). Acesso em 17-3-16.)

As liberdades na liturgia. Eu (JL), como acentuadamente I, sempre sofri com um determinado exagero da *vigencia* E brasileira (associada ao nosso, também transbordante, fator F) nas missas em que tinha que viver uma experiência de transbordamento ESFP tupiniquim.

O católico brasileiro, tipicamente ESFP (passe mais esta antecipação), ficou felicíssimo, depois do Vaticano II, com a introdução na liturgia da missa, pouco depois do Pai Nosso, do convite – “conforme a oportunidade” –, feito pelo sacerdote aos fiéis: “Meus irmãos, saudai-vos uns aos outros em Cristo”. *Coeteris paribus*, o católico, digamos, alemão, inglês ou japonês, discretamente fará um pequeno gesto, um aperto de mão ou uma reverência aos 3 ou 4 que o circundam, dirá “a paz de Cristo” e em questão de meio minuto a paz está dada. Agora, em uma missa da qual participei na Bahia, esse “dar a paz” era o ponto alto da cerimônia: cada um procurava cumprimentar efusivamente, com vagar, o maior número possível de irmãos. Mesmo sendo um visitante ocasional (e, como bom introvertido, sentindo-me deslocado), foram pelo menos 10 minutos em que fui abraçado, beijado (em alguns casos, cheirado...) etc. numa explosão de alegria, que, certamente, para nós brasileiros, é o melhor selo de garantia da paz do Senhor... Recentemente o Papa Francisco confirmou as indicações da Congregação para o Culto Divino que tornam mais sóbrio o “rito da paz”: evitando o

deslocamento dos fiéis, do próprio sacerdote etc. Resta saber, se no Brasil – e na Bahia – “vai pegar”.

Se os antigos Padres do deserto buscavam a solidão (que até etimologicamente integra a vida monástica, do monge, *monachós*), muito cedo se impôs a condição de vida em comunidade para os monges e, ao longo da história, diversas ordens e congregações religiosas foram surgindo, com modos diversos de realizar a vida consagrada. Mas o silêncio (objeto do cap. 6 da regra de São Bento) sempre é um valor ligado à vida contemplativa.

Como na antiga piada italiana do E que se torna monge cartuxo.

O sujeito resolve largar tudo e ir para o mosteiro cartuxo.

Ao chegar, é advertido pelo superior: “– Aqui, a vida é dura e, principalmente, silêncio: você só poderá falar duas palavras a cada dez anos”.

“– É isto mesmo que eu quero!”

Passados dez anos, o superior bate à porta de sua cela: “– Dez anos, duas palavras”.

“– Cama... dura!”.

O superior faz uma pequena reverência e retira-se em silêncio.

Passados mais dez anos, o superior bate novamente à porta de sua cela:

“– Dez anos, duas palavras”.

“– Comida... fria!”

O superior faz uma pequena reverência e retira-se em silêncio.

Outros dez anos...

“– Dez anos, duas palavras”.

“– Vou embora!”

“– É bom mesmo... Trinta anos que você está aqui e só sabe ficar reclamando, pô!”

3. As preferências: F x T

As preferências F / T, apresentadas também de modo maximamente reduzido, referem-se à instalação na vida (percepção, relacionamento, decisões etc.) a partir de uma perspectiva “pessoal” (**F** de *feeling*), valorizando as emoções, os sentimentos, a consideração das circunstâncias da pessoa, em contraposição a uma preferência **T** (de *thinking*), que valoriza a “objetividade” das coisas, a abordagem fria e impessoal, o que racionalmente deve ser feito. No limite, a oposição entre: o calor do coração e a frieza da razão.

Essa diferença é muito bem registrada no filme *The Iron Lady*, no qual Meryl Streep interpreta Margareth Thatcher, a dama de ferro, a dama T.



Já aposentada e fragilizada pela idade, o médico lhe pergunta como se *sente* e ela revela seu modo de ser T:

“How do you feel?”

“Don’t ask me how I feel. Ask me what I think. People don’t think any more, they feel. One of the greatest problems of our age is that we are governed by people who care more about feelings than they do about thoughts and ideas. Now, thoughts and ideas, that’s what interests me. (...) and I think I am fine”.

Evidentemente, para as religiões – e para a vida em geral – são necessárias as duas posturas (embora cada um seja tentado a achar que melhor seria a exclusividade de sua preferência...).

O delicado problema do equilíbrio entre os dois polos é lançado já no século XIII por Tomás de Aquino: sim, a justiça é a coluna vertebral que sustenta a sociedade, mas a fria justiça T necessita do contraponto F da misericórdia: “Iustitia sine misericordia crudelitas est; misericordia sine iustitia, dissolutio” (Cat. Aur. in Mt, cp5 lc 5): “a justiça sem misericórdia é crueldade; a misericórdia sem justiça é dissolução”.

As diferenças entre as preferências F e T na religião tornam-se imediatamente claras quando cotejamos as figuras de Bento XVI e do Papa Francisco.

Se o acentuado fator T de Thatcher a levou a ser apelidada de “Iron Lady”, pela mesma característica Joseph Ratzinger o foi de “Cardeal Panzer”, “Rotweiller de Deus” ou “*Cardinal No* (Cardeal Não)”. Não é de estranhar que sua preocupação maior fosse com a integridade doutrinal, a “verdade católica”, missão que desempenhou por vinte e quatro anos como Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé (sucessora do “Santo Ofício” e da Inquisição).

Se Bento XVI manifestava o fator T, Francisco (já na escolha do próprio nome) insiste no fator F, é o papa da compreensão e da bondade, da misericórdia – e neste Ano da Misericórdia abriu muitas possibilidades nesse sentido –, mas que sabe ser duro e intransigente no combate à corrupção e às disfunções da Cúria Romana, como quando lançou seu mote de reforma: “mais profecia e menos burocracia”.

Para os F como para os T, como em muitos outros temas, há na Bíblia citações para todos os gostos, do Deus que é amor ao Senhor dos Exércitos. O Pastor Silas Malafaia, interpelado sobre homofobia – se os gays vão para o inferno etc., respondeu à reporter com sua natural agressividade: “Deixa eu falar uma coisa que você não sabe: A Bíblia que fala que Deus ama é a mesma Bíblia que diz que Deus vai botar o homem no inferno” (<https://www.youtube.com/watch?v=-pwXJCotDCU>).

Sempre de modo resumido, consideraremos a distinção *S/N*. *S* vem de *sensible*, o realista, pés no chão, para quem os fatos são fatos; enquanto a preferência *N* mais do que em fatos liga-se às possibilidades, metáforas e futuros

que neles se contém. Para o par *S/N* (e também para o *J/P*) na religião, apoiar-nos-emos em Goldsmith.

4. A espiritualidade e sua complexidade

Antes de analisar o par *S/N* no contexto específico da teoria keirseana dos temperamentos, faremos uma breve introdução sobre a complexidade do que chamamos “espiritualidade”. Embora apresente crescente interesse em pesquisas científicas na atualidade, o tema “espiritualidade” continua sendo um assunto complexo. Muitos cursos, seminários e workshops sobre espiritualidade tem grande popularidade em círculos religiosos, sobretudo entre pessoas em posições de liderança nas igrejas. É fato que, de modo geral, cristãos têm o desejo de sempre aprender mais e, com razão, dizemos que quando falamos em espiritualidade, somos todos aprendizes.

Isso é particularmente verdadeiro porque a espiritualidade abrange uma área mais ampla da vida humana que normalmente se imagina. Concordamos com Schleiermacher que afirmava que a espiritualidade é um “jeito humano de ser”, do seu desejo de se relacionar com a Totalidade (com o Todo); a busca por algo que amenize a ânsia. Experiências espirituais nos permitem permanecer no temor na medida em que nos tornamos conscientes de que há algo (ou Alguém) acima de nós mesmos; permitem deleitar nossos sentidos na medida em que admiramos algo belo como a arte, a música, a flores ou uma paisagem; e permitem sermos animados na medida em que experimentamos amor e perdão e sentimos afiançada a nossa própria existência.

Independentemente do que acreditamos, o modo como expressamos nossa espiritualidade pode assumir formas muito diferentes. Encontrar o caminho espiritual mais próximo do nosso jeito de ser a fim de enriquecer nosso propósito e significado de vida é essencial para experimentar plenamente nossos dons mais profundos.

Para analisar os *S/N* partimos do pressuposto de que o modo como as pessoas percebem o mundo e se relacionam com ele pode afetar diretamente o seu entendimento sobre a fé e a vida religiosa. Atualmente casas de retiro são vistas como excelentes recursos para renovar a vida religiosa. É provável que isso tem algo que ver com a perda geral da confiança na secularização. É verdade que muitos não voltam para as igrejas, mas já não estão mais assumindo que o pensamento lógico e científico eliminou a necessidade do lado espiritual da vida. De um modo geral (passado o apego à filosofia da “morte” de Deus), as pessoas aceitam novamente uma abertura para a dimensão mística ou espiritual da vida. No entanto, muitas pessoas também não assumem automaticamente que as igrejas são os lugares onde podem encontrar essa dimensão. O que se tem visto é o surgimento de grupos religiosos “radicais” e grupos “alternativos” que oferecem às pessoas um caminho para novos entendimentos de sua experiência cotidiana de alegria e sofrimento, de angústia e busca de sentido.

O psicoterapeuta suíço Carl Jung costumava dizer que nunca teve um único paciente cujo problema não era, em última análise, religioso. Com isso ele queria dizer que qualquer pessoa criada na sociedade europeia, ainda que seus pontos de vista religiosos fossem bem diversos, consciente ou

inconscientemente, tinha que encarar questões morais, religiosas ou espirituais. Algumas pessoas são capazes de lidar bem com essas questões e estabelecem com facilidade um sistema de crenças (ortodoxo ou não). Outras, por uma enorme variedade de motivos, reprimem este sistema no inconsciente. Mas, ainda que momentaneamente adormecidos, em algum momento da vida emergirão.

Mas qual é a natureza dessa busca espiritual? A que se destina? Como se dá esse processo? Como as pessoas fazem suas escolhas dentro de um vasto leque de opções disponíveis? E por que há tantas? É surpreendente que, com tantas pessoas investindo tempo em oração e contemplação, o caminho ainda esteja tão escondido por trás de tantas práticas diferentes (e frequentemente com enormes contradições).

Práticas religiosas existem para todos os gostos e o cardápio é quase imensurável. Contudo, é curioso observar que nas próprias denominações há uma grande diversidade de formas de as pessoas entenderem um texto bíblico, uma oração, a adoração, a conversa sobre fé e o testemunho. Em todas há a expectativa de experimentar a presença de Deus, mas sempre na esperança de que seja *do seu jeito*. Compreender que tipo de abordagem as pessoas fazem ao se defrontarem com sua espiritualidade e entender tais diferenças é fundamental para a presente investigação e possibilitará o planejamento de futuras análises acadêmicas mais abrangentes bem como intervenções práticas.

Para muitas pessoas, a busca espiritual é comparada a uma viagem interior. É a exploração de um mistério em que descobrem quem realmente são. E esta descoberta só tem

lugar nas suas vidas quando se abrem à realidade e ao mistério de Deus. É uma busca profundamente pessoal e privada. Outras, porém, descobrem a realidade sobre Deus – e provavelmente sobre si mesmas – à medida em que se envolvem com outras pessoas. Refletindo sobre as experiências e eventos do mundo descobrem seu próprio sentido e significado. O que as sustenta na jornada espiritual é mais um envolvimento com o mundo do que uma fuga dele.

Algumas pessoas necessitam uma base racional para sua peregrinação. Como suspeitam das emoções e estão sempre alertas à possibilidade de ficarem rodeadas por muita “religião”, desejam *pensar* enquanto abordam questões de fé. Reconhecem que não serão capazes de atingir Deus apenas através da inteligência, mas também não admitem estar satisfeitas com uma fé que exige que deixem o intelecto de lado e não questionem nada. Outras pessoas requerem *sentir* e experimentar, sobretudo, um relacionamento de aceitação com “aquilo que está acima delas”. Encontram encorajamento no relacionamento com as outras pessoas. A ênfase é procurar estar acima da própria busca individual por sentido e significado, e provavelmente são mais movidos por um apelo do coração do que por um apelo da razão.

Outra área onde há diferenças no modo como as pessoas se aproximam da sua espiritualidade é no uso e entendimento dos símbolos e do estímulo visual. Algumas pessoas são ajudadas significativamente na sua vida religiosa por meio da música, por cores e texturas, enquanto outras acham isso nem um pouco relevante. Umas gostam de incenso enquanto outras podem ser repelidas por ele. Umas gostam de meditar por longas horas, talvez se utilizando de

uma vela para manter a atenção, enquanto outras podem achar isso uma tolice. Nenhuma abordagem é certa ou errada. São apenas diferentes. Muito diferentes, aliás. Assim como algumas pessoas podem manter contato com Deus através da música, outras simplesmente o fazem observando a semente de uma semente, cheirando uma madeira serrada, ou simplesmente no relacionamento afetivo com seus amigos.

Fato é que a falta de compreensão de “por que funcionamos como funcionamos?”, e “por que somos tão diferentes?”, é fator de grande perda para a espiritualidade em geral. A grande maioria dos religiosos não está preparada para perceber o valor dessas distinções e a falta do auto-conhecimento tem destruído o trabalho de muitos. Entender por que somos tão diferentes é entender que somos resultados de genética, construção familiar, social, religiosa. Ortega y Gasset aponta para a essencialidade do *eu* na sua conhecida afirmação: “*Yo soy yo y mi circunstancia*”. Se antes de mais nada, eu sou *eu*; a circunstância, também faz com que o eu o seja. Daí a relevância do estudo dos temperamentos (que, afinal, regulam também o “lado” circunstância do eu).

5. As preferências: *S* x *N*

Analisemos agora estes diferentes aspectos de abordagem da espiritualidade à luz da tipologia keirseana nos tipos *S* e *N*.

Estima-se que cerca de três quartos (ou um pouco mais) da população são pessoas cuja preferência é *S*

(*Sensible*). Ou seja, 75% ou 80% das pessoas é *S* e apenas 25% ou 20% é *N* (*iNtuitions*). Mas, o que se tem visto nos círculos religiosos, sobretudo, nos círculos das igrejas, é uma presença muito maior de tipos psicológicos com preferência *N*. Então, se os *S* são maioria na população em geral e não o são nos círculos participativos das Igrejas isto apresenta à igreja um “problema” bastante interessante. Se as igrejas atraem mais *N* do que *S*, isso provavelmente significa que quando pessoas cuja preferência *S* vão para as igrejas, encontrarão um padrão de espiritualidade mais direcionado para o tipo *N*. Este fato foi comentado em um livro interessante de Bruce Duncan chamado *Pray Your Way (Ore do Seu Jeito)*. Ele citou um artigo do *The Daily Telegraph* que acusa os líderes de igrejas de subestimarem a importância de traduzir os grandes mistérios religiosos em conceitos que meros mortais possam compreender. A maioria dos líderes religiosos, diz Duncan, são *N* e a minoria, *S*. Os símbolos religiosos dos *N* são conceituais, abstratos e filosóficos. Não gostam de simplificar conceitos complexos da teologia e seus mistérios. E não apenas não gostam para si mesmos, como também não apreciam que seja feita qualquer simplificação para aqueles a quem lideram e influenciam. Os líderes *N* acham que os próprios *S* precisam fazer essa leitura para a simplicidade e para os fatos.

Quais são as principais características dos *S*? São pessoas¹ que valorizam a informação advinda dos sentidos. Sua consciência de mundo e da dimensão espiritual da vida

¹. Sempre pressupondo no leitor as ressalvas e a consciência das limitações do procedimento tipológico, que aqui apresentamos em caso ideal, mas reconhecendo que, na realidade há casos mistos e nunca o tipo puro; que há exceções etc.

se origina desta visão. Para eles é importante ouvir música, falar, tocar e experimentar. Os *S* tendem a se preocupar com coisas específicas, com “o aqui e o agora”. “Não me fale de amor, mostre-me”! diz Eliza Doolittle em *My Fair Lady*. Então, no terreno espiritual, os *S* estão sempre preocupados com o que está acontecendo hoje, aqui e agora; não gostam ou estão pouco preocupados com planos vagos e generalizações sobre o futuro. Apreciam a espiritualidade do “já” (*jetzt*) – uma teologia da experiência. Se o cristianismo é para ser relevante, então tem que ser relevante já, agora, nas circunstâncias cotidianas e ser prático. Em essência, a abordagem dos *S* para a espiritualidade é simples. Dizem: “Corte todas as complexidades, não me confunda com palavras e ideias abstratas, apenas me deixe conhecer tudo de maneira simples”. Certamente, argumentam eles, Deus está perto e é amor, por isso o importante é redescobrir a verdade simples que permite apreciar essa proximidade e amor e buscar o que é essencialmente simples, não o que é complexo e está fora do alcance.

Para um *S* existem muitas coisas que, ordinariamente, podem abrir a mente para Deus. Um dia de verão, a beleza dos formatos das nuvens, a delicadeza de uma flor, o cheiro de uma grama recém cortada, os sons dos passarinhos ou a batida das ondas na praia. Uma espiritualidade de preferência *S*, provavelmente começará assim uma oração – mesmo depois que uma terrível tempestade tenha acabado completamente com a sua plantação: “Nós te agradecemos, ó Deus, porque quase nunca nos mandas um temporal como este”! Para os *S* tudo o que está relacionado aos sentidos pode ser uma lembrança de Deus!

Outro aspecto de relevância na espiritualidade de um *S* está ligado a seu corpo. A atenção ao corpo e à respiração tem lugar especial na espiritualidade dos *S*. Respirar fundo, ficar quieto e conscientizar-se do corpo da ponta dos dedos das mãos até a ponta dos pés, é exemplo disso. E achará muito bom tirar os sapatos, dar uma volta e sentir o chão debaixo dos pés. Mas um exercício assim – que é puro deleite para um *S* – será, talvez, difícil, chato e sem sentido para um *N*.

É significativo lembrar que a igreja cristã ao longo de séculos, sobretudo a igreja católica (sem qualquer conhecimento da teoria keirseana dos temperamentos), revelou extraordinária capacidade de aplicação da psicologia pastoral ao capturar os sentidos dos *S* encantando-os com a oferta do que mais lhes atrai: as cinzas da Quarta-Feira de Cinzas, as velas, a hóstia e o vinho, os paramentos e vestimentas sacerdotais, o vermelho forte do Sagrado Coração, a Virgem vestida de azul e branco, o aroma do incenso, o cheiro do azeite e o bálsamo sacramental, o gosto do peixe na Sexta-Feira Santa, o som do sublime canto gregoriano, o genuflexório e o fúnebre *Dies Irae*.

Com relação à leitura do texto bíblico também se pode fazer várias observações quanto ao que agrada a preferência *S*. Gostam mais de prestar atenção a detalhes específicos e de trabalhar sistematicamente um livro em particular ou um determinado Evangelho. Segundo Goldsmith, alguns estudiosos dizem que – embora ele próprio tenha reservas com relação a esse ponto em particular – os *S* frequentemente são mais atraídos pelo Evangelho de Marcos que pelos outros Evangelhos devido a forma como foi escrito

– bastante conciso, específico e em ordem. O que é certo é que, de fato, a maioria dos *S* querem que as coisas sejam claras, descomplicadas e “fincadas” factualmente na realidade. Isso não sugere que não sejam capazes de lidar com a complexidade, nem sugere que sejam menos inteligentes. Longe disso. Apenas que, ainda que utilizem imaginação, a preferência é pelos *sentidos*; e que suas características principais são imediação, simplicidade e relevância.

Passemos agora para os principais aspectos da espiritualidade dos *N* (*iNtuitives*). Como já afirmamos, pessoas cuja preferência é por *N*, tendem a ser orientadas para o futuro – provavelmente mais inclinados a uma teologia da esperança. Procuram olhar para as possibilidades e viver em um mundo ainda não explorado. Estão sempre procurando novidades e esperam por situações melhores. Essas preferências são formativas também na vida espiritual. Formam e moldam a sua abordagem para a adoração e a oração bem como para o pensamento geral sobre Deus e o mundo. Estão mais preocupadas com o “grande quadro da existência”. Nutrem especial apreço por descrever uma cosmovisão (*Weltanschauung*), uma mundividência, um quadro do mundo inteiro (*Weltbild*). Estão menos preocupadas com detalhes e podem se entediar rapidamente com repetições, práticas, minúcias e com as circunstâncias presentes. São magneticamente atraídas por uma teologia ou espiritualidade do “ainda não” (*noch nicht*), por um reino ainda não instaurado, mas que, no futuro, manifestará as características de Deus – a justiça, a paz, a harmonia e a reunião das diversas partes, ora caóticas, da criação. Buscam

participar do universo. Têm visão transcendente de Deus e gostam de abrir a mente para novas possibilidades. Para os *N*, Deus é tão misterioso e maravilhoso que usar palavras para descrevê-lo significa negar seus atributos divinos ou, pelo menos, limitar o que ele é, porque as palavras não conseguem lhe dar real significado.

Os *N*, portanto, procuram *transformar* o mundo e por isso raramente estão satisfeitos. Tendem a estar sempre à procura por “melhores” maneiras de explorar o que significa ser um discípulo. Estão sempre insatisfeitos com sua vida espiritual; o que pode ser desafiador e cativante, mas também, por vezes, irritante por causa da constante necessidade de querer desafiar e mudar tudo. Muitos líderes religiosos estão o tempo todo se perguntando como podem consertar o mundo.

Os *N* gostam de pensar em muitas coisas ao mesmo tempo e suas orações tendem a perder foco. Quando um *N* para para orar e começa a pensar sobre o conteúdo da oração, muitas possibilidades lhe vem à cabeça e reluta em seguir uma delas. E, como não gosta de rotina, é improvável que estabeleça um padrão. Os *N* gostam de falar sobre o futuro e, como são insaciavelmente curiosos, tendem a querer responder questões a respeito de tudo. Pouquíssimas coisas têm valor em si mesmo e quase tudo pode conduzir a outras possibilidades. Sentem que há risco de falhar ao agir, por isso estão mais interessados em pensar em alternativas e possibilidades! Isto é particularmente verdadeiro para aqueles *N* que também são *P*. O próprio Jung alertou para o risco que os *N* – especialmente os extrovertidos – precisam encarar quando escreveu que se trata de um tipo psicológico que

gasta a vida toda em coisas e em pessoas, mas que ele mesmo, no fim, sai vazio.

Os *N* também são suscetíveis a orar por generalizações mais do que por particularidades e quando focam uma particularidade é para, muito rapidamente, torná-la uma oração mais geral outra vez. Um pedido para orar por uma criança em um hospital, por exemplo, pode conduzi-los a orar por todas as crianças nos hospitais, por todas as crianças que passam necessidade, por todas que passam perigo..., e então se torna uma oração pela paz mundial que vislumbra uma sociedade perfeita na qual todos viverão sem medo, sem dor e sem sofrimento.

Pessoas com preferência *N* estão inclinadas a acreditar que ler a Bíblia, ainda que considerem isso importante, é apenas um ponto de partida para refletir sobre um leque enorme de outras questões. Não é tanto a narrativa bíblica que importa, pois acreditam que Deus pode usar uma passagem da Bíblia para trazer outras coisas à mente. No louvor em público, os *N* podem complementar as leituras bíblicas com outras leituras que podem até suplantam a Escritura.

Outra importante distinção a ser feita nos tipos *N* é que podem ser *NT* ou *NF*. Os *NT* (*INTP*, *INTJ*, *ENTP* e *ENTJ*) estão inclinados a achar que a sua vida devocional será melhorada pelo questionamento teológico e, por isso, procuram desenvolver uma espiritualidade que recorre a razão como base do pensamento e da reflexão. Os *NF* (*INFP*, *INFJ*, *ENFP* e *ENFJ*), porém, gostam de uma espiritualidade que envolve e valoriza a pessoa inteira. Os *N* frequentemente

têm períodos alternados de entusiasmo e repouso e o mesmo acontece com a espiritualidade deles. Podem ter períodos de intenso *insight*, devoção e atividade, seguidos de períodos de calma e silêncio que também, por sua vez, podem ser bem variáveis. Aprendem a não ficar excessivamente preocupados nos períodos em que produzem pouco. Como qualquer pessoa, obviamente, um *N* pode se tornar autoindulgente, inconstante ou simplesmente “difícil”! Pode haver ocasiões em que não dê atenção suficiente para as coisas importantes da vida e, conseqüentemente, achar que o seu desenvolvimento espiritual sofre. Claro que isso acontece não porque é um *N*, mas porque é humano! Entretanto, é bem provável que essa característica seja mais intensa em pessoas com esse tipo psicológico.

Os *N* Extrovertidos tendem a estar preocupados com as possíveis transformações do mundo; desejam fazer mudanças consideráveis no ambiente externo, sempre procurando novas possibilidades no mundo das ideias. Estão sempre procurando outras formas de entender e cooperar com Deus. Os *N* Introversos, por outro lado, podem ter menos preocupação em fazer mudanças “lá fora”; estão mais interessados em revisar a maneira de observar as coisas e procurar novos ângulos para entender a vida. A oração do *N* Introverso pode ser muito profunda e pessoas que dominaram esta forma de oração são frequentemente respeitadas como escritores e mestres espirituais. Os *N* vivem em um mundo provisório, cheio de possibilidades excitantes e tendem a ver as coisas em grande escala. A salvação do mundo lhes é mais atrativa do que a salvação de uma única alma. Para os *N* o Evangelho de João é mais atrativo porque é

rico em imaginário e simbolismo. É bastante difícil encontrar hinos que claramente trazem uma abordagem *N*. Porém, embora raros, registramos este, citado por Goldsmith, que se destaca:

I danced in the morning when the world was begun
And I danced in the moon and the stars and the sun.
And I came down from heaven and I danced on the
earth;
At Bethlehem I had my birth.
Dance then, wherever you may be;
I am the Lord of the Dance, said he,
And I'll lead you all, wherever you may be.
And I'll lead you all in the dance, said he.
They cut me down and I leap up high;
I am the life that'll never, never die;
I'll live in you if you'll live in me
I am the Lord of the Dance, said he.
Dance then ...
(Apud GOLDSMITH, 1997, p. 67)

E o credo de um *N* pode ser semelhante a este:

Creemos em Deus,
cujo amor é fonte de toda a vida
e o desejo de nossas vidas.
Cujo amor teve uma face humana
em Jesus de Nazaré.

Cujo amor foi crucificado pelo mal
que se escraviza por todos nós
e cujo amor, derrotando até a morte,
é a nossa promessa gloriosa de liberdade.
Portanto, ainda que algumas vezes estejamos ame-
drontados e cheios de dúvida, em Deus confiamos;
e em nome de Jesus Cristo, nós nos comprometemos:
a servir amorosamente aos outros,
a procurar a justiça
e a viver em paz,
para cuidar da terra e compartilhar
o bem comum da bondade de Deus,
para viver na liberdade de Deus,
no poder do espírito do amor,
na companhia da fé
e então sermos igreja.
Para a Glória de Deus. Amém.
(in GOLDSMITH, 1997, p. 69 – tradução livre)

Para um *N* um credo assim pode ser bem mais agradável que o credo tradicional. Algumas pessoas reagirão a isto com entusiasmo e se abrirão a novas ideias e possibilidades, outras reagirão preocupadas e questionarão sobre qual o valor de uma descrição assim.

Goldsmith afirma que tem estudado profundamente os perfis do tipo psicológico *S* e *N* porque julga o tema importantíssimo para as igrejas na atualidade. Sobretudo porque que a maioria dos líderes das igrejas provavelmente seja *N* e a maioria das pessoas em geral provavelmente seja *S*. E especialmente porque, talvez, de modo geral, muito do

debate contemporâneo e das controvérsias teológicas, na verdade, não é propriamente sobre teologia, mas tem mais relação com o modo como as pessoas encaram a vida; com o que, a princípio, é absolutamente insuspeito: os temperamentos. (GOLDSMITH, 1997, p. 70).

O incidente relatado no evangelho de Marcos 4:35-41 é, talvez, um bom exemplo disso. Jesus está dormindo num barco e uma tempestade assusta os discípulos que estão com Ele. Segundo Goldsmith trata-se de um cenário bastante claro para um *S*. O texto é direto e conta fatos. Um *S* facilmente “vê” a cena e se identifica com ela. Jesus reprime a tempestade de maneira miraculosa e isso é sinal concreto do seu poder e divindade. Já para um *N*, é muito difícil considerar esse incidente isoladamente, sem fazer deduções amplas e gerais. Um *N* imagina que o episódio deve ser parte de um todo e precisa ser visto a partir de um contexto mais amplo. Imediatamente lembra que, no mundo antigo, com frequência, a água representava o caos, e então conclui que esta história, simbolicamente, conta que Jesus é capaz de reprimir as forças do caos. E é aí, pensa, que essa história ganha sentido e importância.

Embora ambos (tanto os *S* e como os *N*) vejam o milagre e entendam que a história é sobre o poder de Deus manifesto em Jesus, ainda assim podem lidar de maneira bem diferente com o mesmo texto e conduzir seus argumentos para lados distintos e até mesmo opostos, podendo gerar conflitos, discórdias e divisões dentro da igreja. Um *S* poderia ser acusado de simplismo e literalismo e um *N*, de negar a verdade da Escritura.

6. As preferências: J x P

Neste caso, nem vale a pena indicar os significados das abreviações *J* e *P*, que poderiam desorientar o leitor. Baste-nos resumir dizendo que a preferência *J* é por situações bem ordenadas, com tempo, prazos, procedimentos, lugar etc. determinados; enquanto o *P* prefere situações abertas, com possibilidade de improviso e *easygoing*.

Para o par *J/P* na religião, também apoiar-nos-emos em Goldsmith.

Analisemos agora também – ainda que muito brevemente – os principais aspectos da espiritualidade dos tipos *P* e *J*. A primeira e mais importante consideração a fazer sobre os tipos psicológicos *P* e *J* é que é bastante difícil perceber quais são suas preferências. Não se pode afirmar dos *P* e dos *J* o que se afirma dos demais tipos. Os tipos *T* e *F*, por exemplo, são em si mesmos *processos de julgamento* e todo mundo tem uma preferência por um ou por outro; as preferências *S* e *N* são *processos de percepção* e todo mundo tem uma preferência por um ou por outro. Porém, a respeito dos tipos psicológicos *P* e *J* é possível fazer apenas uma ou duas observações gerais.

Pessoas com preferência *P* são capazes de lidar bem com situações abertas e se abrem a diferentes caminhos; tentam rotas diferentes e podem conviver satisfatoriamente bem com uma considerável quantidade de ambiguidades. Uma das principais características desse temperamento é o gosto pela liberdade de ação. Por isso, pessoas com esse temperamento, são hábeis em situações de crise, que exigem ação improvisada. Os desdobramentos para a espiritualidade

destas pessoas são muitos. Para este brevíssimo estudo basta inferir que as pessoas do tipo *P* desenvolvem sua espiritualidade voltada ao espírito ecumênico e ao acolhimento pacífico de novos e diferentes dogmas e se adaptam com agilidade às polifonias e polissemias da linguagem religiosa.

Os tipos psicológicos com preferência *J*, diferentemente dos *P*, são pessoas que gostam das coisas “certinhas”; buscam a estabilidade, tanto dentro da organização quanto fora dela, tendo uma imagem de responsabilidade social, institucional e familiar; não gostam de viver na ambiguidade. São atraídas para formas mais “definidas” na espiritualidade e tendem a estar menos abertas a explorar coisas novas. Uma característica bem presente nas pessoas *J* é que quando encontram uma igreja apropriada, tendem a desenvolver grande lealdade e relutam fazer qualquer mudança. Quando feitas, as mudanças são bem pensadas e ordeiras. O risco para uma pessoa do tipo *J* é ser mais suscetível a cair numa pista falsa e seguir um padrão de espiritualidade menos ajustado a ela, pois, já que não gosta de ambiguidades, deseja escolher rapidamente e depois seguir em frente mantendo a estabilidade. Essa característica tem sido sugerida, porém, afirma Goldsmith, não há evidências que a confirmem. (GOLDSMITH, 1997, p. 81)

A espiritualidade – como também em boa medida os demais âmbitos da vida humana – sofre da tentação de achar que melhor seria a exclusividade do seu jeito de ser, pensar, dizer e fazer as coisas; e de torcer o nariz para tudo o que não é o *seu* modo de ver as coisas. Por isso entendemos que a teoria keirseana dos temperamentos pode ser um poderoso

instrumento para iluminar o delicado problema do equilíbrio entre os diferentes tipos psicológicos, também para o campo religioso – e quem sabe um extraordinário recurso, particularmente para os líderes para lembrá-los que *in medio virtus* – onde o desejo mais profundo é o de compreensão... Como bem sintetizou DK: “*Please, understand me*”!

Referências bibliográficas

Goldsmith, Malcolm *Knowing me, knowing God*, Nashville: Abingdon Press, 1997.

Keirse, David. *Please Understand me II – Temperament, Character, Intelligence*. Del Mar: Prometheus Nemesis, 1988.

Keirse, David & Bates, Marilyn. *Please Understand me*. 4th ed., Del Mar: Prometheus Nemesis, 1984

Lauand, Jean A expressividade do brasileiro. **Revista Internacional d’Humanitats**, n.28, pp. 5-30, 2013. <http://hottopos.com/rih28/05-30JeanFlb.pdf> acesso em 17-03-16.

Lauand, Jean *Vigência e Educação – a Ditadura da Extroversão*. **Videtur**, n.26, pp. 5-20, 2004. <http://hottopos.com/videtur26/jean.htm>. Acesso em 17-03-16.

Lauand, J. Sérgio *Personagens ficcionais, tipos de David Keirse e a Educação* São Paulo: Factash-Cemoroc, 2014.

Tipos de David Keirsey - identificando algumas características – 1ª. parte²

Enio Starosky
Jean Lauand

1. O realismo SP x o realismo SJ

O fator S (de *sensible*) em Keirsey é um dos componentes essenciais de dois tipos de temperamento: SP e SJ (em oposição aos dois outros tipos, N: NF e NT). S é a visão da realidade atendo-se aos fatos, de pés no chão, sem apegar-se a devaneios e fantasias.

Mas os temperamentos não são formados por “átomos” e sim por “moléculas”, no caso: SJ e SP, que terão algumas características em comum; outras, em forte oposição.

Recordemos, brevemente, que J é o átomo da preferência por situações de decisões tomadas, fechadas e resolvidas; das coisas organizadas em relação a tempo e prazos, rotinas de funcionamento, a ordem material etc. P é o átomo da preferência por situações abertas, não decididas,

². Uma parte “zero” deste estudo encontra-se em www.hottopos.com/isle33/index.htm.

deixando amplo espaço para a improvisação, criatividade (boa ou má...), etc.

Ao indicar as características comuns ao tipo de temperamento SP (que como todos os temperamentos admite 4 modalidades de sub-tipos), o site oficial de David Keirsey (abreviaremos por DK) indica:

Tendem a ser: brincalhões, otimistas, realistas e focados na ação.

Prezam em si mesmos: serem não convencionais, audazes e espontâneos.

Eles “dão”: cônjuges divertidos, pais criativos, e líderes que “apagam incêndios”.

Eles são: capazes de se entusiasmar (excitável), confiam em seus impulsos, querem conquistar com impacto (*want to make a splash*), buscam estímulos, prezam a liberdade e sonham com dominar habilidades de ação.

(<https://keirsey.com/temperament/artisan-overview/>)

Já os SJ:

Tendem a ser: cômicos do dever, cautelosos, humildes, e focados em credenciais e tradições.

Prezam em si mesmos: serem confiáveis, ajudar e trabalhar duro.

Eles “dão”: cônjuges leais, pais responsáveis, e líderes que dão estabilidade.

Eles são: cidadãos responsáveis que confiam nas autoridades, criam grupos e associações, buscam segurança e sonham com a implementação da justiça.

(<https://keirse.com/temperament/guardian-overview/>)

Originalmente DK afirmava que os SJ eram cerca de 40% da população geral; os SP, outros 40%. O site de DK, hoje, afirma SJ 45% e SP 30%. Em qualquer caso, a maioria absoluta das pessoas é S, realistas de pé no chão.

No artigo anterior e neste, temos visto os estilos (e as possíveis disfunções...) de cada tipo e é muito sugestivo (e intrigante...!) pensar na riqueza da distribuição dessa variedade de modos humanos de se instalar no mundo. Seja como for, quando há grandeza pessoal, abertura e bondade, cada tipo é maravilhoso e traz uma enorme e específica contribuição para aqueles com quem se relaciona. Não há tipos melhores ou piores: grandes virtudes e grandes maldades podem ocorrer em todos os SPs, SJs, NFs e NTs.

Claro que as diferenças e arestas entre SP e SJ dão-se por toda parte. Tipificando (e tipificar é, de algum modo exagerar, carregar, caricaturar), os SP tendem ao lúdico; enquanto os SJ tendem à seriedade, os SP, à ganância; os SJ, a poupar; os SP, ao hedonismo, a curtir o momento, ao *carpe diem*; os SJ ao cumprimento do dever; os SP à cigarra; os SJ, à formiga; os SP à ousadia; os SJ à cautela; os SP ao otimismo; os SJ ao “realismo pessimista” (“já vi esse

filme...”)³; os SP à aventura; os SJ à rotina; os SP à criatividade; os SJ à tradição; os SP à liberdade; os SJ a consolidar instituições; os SP à improvisação; os SJ ao planejamento regrado; os SP são avessos a esperas; os SJ a mudanças rápidas; etc.

A oposição entre os SP e SJ (SFP x STJ) é tipificada na famosíssima cena de “Cantando na Chuva”, quando o apaixonado personagem de Gene Kelly tem sua dança intimidada (e abortada) pela simples presença da autoridade uniformizada do guarda, que não está para brincadeiras...

A caricatura extrema do SP era o Chacrinha: no palco do velho guerreiro tudo era dionisíaco e improvisação; até para o tempo – sagrado na televisão – cantava o jingle: “...um programa que acaba quando termina”; alegria desenfreada etc. Uma imagem exponenciada do Brasil SP. Mais do que ausência de regras, nosso Mega Palhaço, nosso Chaplin investia contra os formalismos, as hierarquias e as regras, escalando para sua carnavalesca bancada de jurados o contraponto de algum tipo serião, sisudo, mal humorado e rígido, como o Doooooooooutorrr Clécio Ribeiro (mais realista para o papel do que o folclórico Pedro de Lara) ou como quando, em seu gesto mais característico, levava a mão ao nariz e dizia: rrrrrreallllmente..., esculhambação para com as afetações dos locutores de rádio da época, empenhados em pronunciar “corretamente” os R e os L...

³. Já um típico NF, voltado para as possibilidades (N), pode afirmar, como tipicamente o fez certa vez – a propósito da situação da Hispanoamérica – o grande pensador espanhol Julián Marías: “otimista em relação às possibilidades; pessimista, em relação à realidade” (1986, p. 62).

2. ESTP (/ISTP) x ISTJ: o realismo SP x o realismo SJ

O famoso verso de Fernando Pessoa : “Navegar é preciso, viver não é preciso” (precedido de “Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa:...”) tem seu mais imediato sentido no original latino “*Navigare necesse; vivere non est necesse*”, frase de Pompeu, general romano, aos marinheiros, com medo de viajar para a guerra.

Essa necessidade, esse *must*, indica bem a compulsão dos SP para a ação, no caso de Vasco da Gama, pela aventura portuguesa dos mares.

Dos ESTP (e parece estar falando do Gama, que pode ser também ISTP), diz DK:

Os ESTP sabem usar a informação adquirida, para, ostentando nervos de aço, engajar-se naquilo que os outros considerariam um esforço suicida. Para outros tipos pareceria algo esgotador, mas o ESTP se excita com trabalhar no limite do abismo. Os ESTP são implacáveis pragmáticos e frequentemente apresentam os fins como justificação para os meios, sejam quais forem, que lhes parecem necessários; lamentáveis, talvez, mas necessários. Geralmente, porém, os ESTP nem se preocupam em justificar suas ações; preferindo lançar-se a realizar a próxima ação. (Keirsey 1984, p. 196-197)

Vale rigorosamente também para o “navegar” dos STP, o que DK afirma de outro tipo SP (o artista ISFP):

A ação é quem impera no ISFP [STP] e não o contrário. Assim, devemos abandonar qualquer ideia de dedicação, cuidadoso planejamento ou responsável preparação e ensaio. Não. Eles pintam, cantam, fazem piruetas, dançam, correm, patinam ou seja lá o que for, simplesmente porque *they must*. A montanha é escalada porque ela está aí! (Keirse 1984, p. 204)

Com isto, demos com a chave da aventura marítima portuguesa e do próprio Vasco da Gama: o imperativo do impulso da ação: navegar é preciso!

Claro que para efeitos épicos, Camões começa *Os Lusíadas* falando de edificar “Novo Reino” e de dilatar a Fé e o Império etc. São os tais “fins”, as justificações de que DK falava acima, mas o que os move, em última instância é a ação. Como bom ESTP, Donald Trump expressou isto de maneira categórica: “Eu não faço negócios pelo dinheiro. Dinheiro, eu já tenho de sobra. *I do it to do it*”⁴

Essa compulsão da ação é parte da suspeita com que o SJ encara o SP; a praia dos SJ é a segurança. Se procurarmos as expressões dos tipos nos provérbios, a quase totalidade deles são dos SJ e SP, os realistas. O SJ, que valoriza o passado e a experiência (e porque se apega à experiência)

⁴. Cit. in Trump - <https://www.idrlabs.com/estp.php>

pode tender a um pessimismo (macaco velho...); já o SP vê a realidade como um risco que vale a pena.

Os SJ dirão: mais vale um pássaro na mão do que dois voando. De grão em grão a galinha enche o papo. Um homem prevenido vale por dois. Devagar e sempre. Pense duas vezes antes de agir. O seguro morreu de velho. Como está o mundo, aonde vamos parar! A pressa é inimiga da perfeição. Quem espera sempre alcança. Deus ajuda quem cedo madruga.

O SP prefere outras expressões e provérbios como: Quem não arrisca, não petisca. O que não mata, engorda. *Carpe diem* (curta o momento). Mais vale um gosto do que seis vinténs. Quem não tem cão caça com gato. O amor é eterno, enquanto dura... Águas passadas não movem moinhos. *Bis dat qui cito dat* (só dá de verdade quem dá rapidamente). É agora ou nunca. Demorou! E, é claro: “Navegar é preciso, viver não é preciso”.

Em meio à toda a celebração épica do heróico Vasco, a genialidade de Camões introduz nos Lusíadas um personagem de contraponto, o Velho do Restelo, que pretende desmascarar toda aquela “glória”, a (pseudo) motivação de dilatar a Fé e o Império e mostrar a **realidade** da aventura. Atrevemo-nos a qualificar o Velho do Restelo como ISTJ, porque esse é o tipo mais refratário à mudança e à aventura e o mais preocupado com os perigos que ameaçam desestruturar a nação, a família, a religião, a sociedade, as instituições, a civilização etc. (Keirse 1984, p. 189) São aqueles tios conservadores, super formais, sempre de terno (cinza) e que vêm na gíria ou na música apreciada pelos jovens, ou numa saia mais curta, praticamente sinais

apocalípticos:”É o fim do mundo!”. “No meu tempo, sim, havia respeito...”

Cabe aqui o relato de um caso com um ISTJ (desses de alma grandiosa), Fernão (chamemo-lo assim...), muito amigo nosso, *maitre* de um grande restaurante em São Paulo. Para se ter ideia da ISTJice dele, uma vez confidenciou-nos da saudade viva, mesmo décadas depois, que sentia do seu tempo de exército: “Aquilo era uma maravilha, tínhamos o RDE (Regulamento Disciplinar do Exército), contendo regras para tudo, regras e mais regras...”. E em seu restaurante ele tinha que pacientemente ensinar às suas dezenas de subordinados até as normas mais elementares. Ele que é um profissional insuperável, capaz de perceber a menor falha no bom atendimento das centenas de clientes que lotam a casa. Enfim, o Fernão não fica nada a dever ao *maitre* do palácio de Buckinkgam. Mas, claro, esse seu trabalho importantíssimo permanece invisível.

Dezembro de 2011, meu irmão [de JL], João Sérgio, tinha acabado de defender seu doutorado sobre DK na Feusp e calhou de, na véspera de Natal, estarmos ambos sós em São Paulo e resolvemos passar a Ceia do dia 24 no restaurante do Fernão. Naturalmente, falamos de seu doutorado, ainda fresco, e de como o Fernão era um ISTJ chapado. Conversa vai, conversa vem, propus ao João uma aposta: se eu conseguisse fazer o Fernão chorar, ele pagaria a conta. Claro que nunca usei meus (parcos) conhecimentos de DK para manipular ninguém: tratava-se de comover às lágrimas o Fernão, por gratidão sinceríssima e verdadeira.

Como abalar o todo certinho e (aparentemente) blindado a sentimentos ISTJ? Lembrei dos ensinamentos de DK: que os SJ, e mais ainda os ISTJ, se ressentem de que seu trabalho, importantíssimo, raramente é reconhecido, dá-se por assente que o SJ, com sua vocação de cuidar, tem mais é que prestar seus serviços mesmo. E que o ISTJ, como todos os SJ, preza datas, comemorações, tradições, reuniões de família (especialmente o Natal!) etc.

Lá pelas tantas chamei o Fernão e disse: “Não, não está faltando nada, está tudo ótimo. Eu só queria dizer que estamos todos nós aqui, famílias inteiras, passando um Natal maravilhoso e ninguém repara que isto só é possível porque, você, Fernão, para prestar-nos esse precioso serviço, renunciou ao seu próprio Natal, ao convívio com a família da qual você é o patriarca, à companhia de filhos e netos, numa data como a de hoje e eu não queria que esta noite acabasse sem que você ouvisse o nosso: muito, muito obrigado, Fernão!”.

O Fernão ouviu, não respondeu nada e retirou-se. O João já estava comemorando e ia pedir champanhe por minha conta (já que ele achava que tinha ganhado a aposta), quando volta o Fernão, acompanhado do dono do restaurante e de 3 ou 4 colegas gerentes, choroso de emoção e dizendo-me: “Por favor, repita... repita para eles o que o senhor me disse agora há pouco”. Eu, claro, repeti, também muito emocionado pelo bem que tinha feito ao amigo, e ao final, recompus-me e disse: “Ah, sim, Fernão, por favor, vê uma garrafa de champanhe para nós!”

Se os ISTJ tendem a nunca aparecer (por mais que seu trabalho seja importante), os ESTP agitam e brilham (em alguns casos até com o esforço de outros...). DK reiteradamente fala do pouco reconhecimento que se presta aos SJ (seu serviço é *taken for granted*) e da mágoa que isso pode lhes causar.

Escrevemos este artigo em pleno processo eleitoral. O jornalista Otávio Guedes, no programa “Globo News em Ponto” de 30-08-18, logo após as entrevistas dos candidatos à presidência da República ESTP, Ciro Gomes (27-08) e Bolsonaro (28-08), e do ISTJ Alckmin (29-08); a propósito do estilo inosso deste, o famoso “picolé de chuchu” (José Simão), em comparação com o dos citados ESTP, ponderou:

Não basta você ter uma boa proposta; é preciso que o eleitor entenda a boa proposta (...). Por exemplo você pode dizer: “Eu vou aquecer a economia, atacando o problema da inadimplência das famílias”; outra coisa é dizer: “Vou tirar seu nome do SPC” – mensagem clara, curta, objetiva, que está falando a mesma coisa. Você pode dizer o seguinte: “Vou dar garantias jurídicas aos agentes em caso de ações que resultem em letalidade por parte do policial”. Ou você pode dizer: “Eu vou prestigiar o policial que der trinta tiros no bandido.” [...]

(<https://globosatplay.globo.com/globonews/v/6983962/>)

3. Ainda Vasco da Gama e o Velho do Restelo

Voltemos ao Velho de Camões. No Restelo, em Lisboa, está a região do embarque dos navegadores (ainda hoje margeada pela Avenida das Descobertas e pela Avenida Dom Vasco da Gama). No canto IV, o Gama em primeira pessoa, narra o embarque. É um momento dramático, toda a cidade concorre para o evento, os marinheiros (acompanhados de multidão de religiosos) vão em procissão para os batéis (IV, 88). Mães, esposas e irmãs na extrema aflição da possível (ou até provável) morte dos seus amados (IV, 89 e ss.). Como por exemplo, a queixa da mãe:

Por que me deixas, mísera e mesquinha?
Por que de mim te vás, ó filho caro,
A fazer o funéreo enterramento,
Onde sejas de peixes mantimento! (IV, 90)

Mas como navegar é preciso, “o forte Capitão” dá ordem de que ninguém se despeça, nem olhe para trás:

Nós outros sem a vista alevantarmos
Nem a mãe, nem a esposa, neste estado,
Por nos não magoarmos, ou mudarmos
Do propósito firme começado,
Determinei de assim nos embarcarmos
Sem o despedimento costumado,
Que, posto que é de amor usança boa,
A quem se aparta, ou fica, mais magoa. (IV, 93)

Neste momento, surge o Velho do Restelo, um ISTJ, de quem o gênio de Camões diz que seu “saber (é) só de experiências feito”, tirado do “experto (experiente) peito” e vai atinar com as verdadeiras motivações de nosso STP, a compulsão da ação – “dura inquietação d’alma e da vida (IV, 96) – para a glória das batalhas, em sentido próprio e também a batalha que era a navegação naquele tempo:

Glória é um conceito que os ISTP entendem melhor do que os outros tipos. Ou, pelo menos, o ISTP está mais interessado nela do que a maioria. Na batalha há glória porque na batalha podem exercitar, com aprovação, sua habilidade mortífera.

Enquanto embarcam, surge o Velho:

Mas um velho d’aspeito venerando,
Que ficava nas praias, entre a gente,
Postos em nós os olhos, meneando
Três vezes a cabeça, descontente,
A voz pesada um pouco alevantando,
Que nós no mar ouvimos claramente,
C’um saber só de experiências feito,
Tais palavras tirou do experto peito: (IV, 94)

Nas estrofes seguintes (94 a 104), o Velho despeja longamente suas críticas e maldições aos aventureiros do mar:

Ó glória de mandar! Ó vã cobiça
Desta vaidade, a quem chamamos Fama!
Ó fraudulento gosto, que se atiça
C’uma aura popular, que honra se chama!
Que castigo tamanho e que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades neles experimentas! (IV, 94)

Dura inquietação d’alma e da vida,
Fonte de desamparos e adultérios,
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reinos e de impérios:
Chamam-te ilustre, chamam-te subida,
Sendo di[g]na de infames vitupérios;
Chamam-te Fama e Glória soberana,
Nomes com quem se o povo néscio engana!
(IV, 95)

Etc. Etc.

Nem o Gama nem Camões contestam o “velho honrado” em suas críticas e o canto seguinte começa com a conclusão do episódio: simplesmente deixando-o para trás:

Estas sentenças tais o velho honrado
Vociferando estava, quando abrimos
As asas ao sereno e sossegado
Vento, e do porto amado nos partimos.

E, como é já no mar costume usado,
A vela desfraldando, o céu ferimos,
Dizendo: “Boa viagem”, logo o vento
Nos troncos fez o usado movimento. (V, 1)

4. SJ e SP na religião

Como sabemos, a teoria keirsejana dos temperamentos também tem extraordinária e surpreendente aplicação no campo religioso. Textos religiosos em geral, particularmente os que se referem à liderança religiosa, podem ser analisados com maior profundidade quando lidos à luz dessa teoria tipológica. Um dos mais impressionantes nos vem do antigo Decálogo (Dt 6.5)⁵, que é registrado pelo médico Lucas, autor de um dos evangelhos da Bíblia: “*Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas forças e com toda a tua mente*” (Lucas 10.27).

Podemos muito bem estabelecer um paralelo com os quatro temperamentos da teoria keirsejana: “*Com todo o teu coração*” – remete ao tipo SP; “*com toda a tua alma*”, ao NF; “*com todas as tuas forças*”, ao SJ; e “*com toda a tua mente*”, ao NT.

⁵ O texto veterotestamentário não inclui “*com toda mente*” (o tipo NT). Parece ter sido um acréscimo de Jesus (que – para os cristãos – reunia perfeitamente o equilíbrio dos quatro temperamentos). E, Lucas, que provavelmente conhecia a mais antiga teoria tipológica que se tem conhecimento, Hipócrates – seu colega de profissão –, fez o registro sem hesitar.

Neste tópico exploraremos apenas os tipos SP e SJ, apontando as correlações desses temperamentos keirseyanos com a liderança religiosa. Os principais dados reunidos neste estudo estão fundamentados no livro “*Personality Type and Religious Leader*”, de Roy Oswald e Otto Kroeger.

O líder religioso SP é orientado para a ação. Sua atividade é realizada de maneira intensa, “*com todo o coração*”. Tem necessidade compulsiva de agir e fazer coisas e é naturalmente atraído a se engajar em alguma atividade. Assim como o líder SJ, está enraizado nos sentidos e deseja estar com contato direto com a realidade exatamente como experimentada pelos sentidos; é pé no chão e prático e tem pouca tolerância para a abstração. O fator P leva a procurar novas possibilidades e, no caso do SP, permanente ação. Por isso mesmo o líder SP é impaciente com discussões estáticas, longas teorias ou encontros que não “levam a lugar algum”. O SP é um dos temperamentos mais extraordinários (lembramos especialmente S. Francisco de Assis, entre outros). Os SPs sempre buscam inserir bom humor e algo prático nas situações estáticas. Porém, quando falham nisso, perdem rapidamente o interesse e passam a outro projeto.

De acordo com os estudos de Roy e Otto, menos de 8% dos líderes religiosos são SP, enquanto na população em geral são 38%. Isso mostra que as atividades religiosas, de modo geral, atraem poucos SPs. De fato, se compararmos o número expressivo de outros profissionais de temperamento SP – atletas, artistas, comediantes, mecânicos, vendedores, soldados ou médicos – constataremos que esse tipo seja pouco atraído para atividades religiosas por achá-lo muito estático e teórico (dependendo, é claro, do grupo religioso ser

mais “animado” ou não...). É importante considerar esse aspecto, sobretudo porque, enquanto os SJs querem organizá-las, os NFs tentam amá-las e os NTs teorizam sobre elas, os SPs querem se engajar nelas – de todas as formas sempre em atividades e assuntos práticos. Mas, é muito provável que este também seja o motivo porque tão poucos SPs estão presentes nas lideranças religiosas. SPs são encarados como hedonistas e hedonistas têm pouco espaço nas religiões de modo geral – especialmente nas mais tradicionais que prezam a ordem e a organização.

O aspecto paradoxal é que a enorme variedade das atividades práticas nas religiões estariam melhor supridas e mais bem executadas se tivesse um SP em postos de liderança. Isso é ainda mais significativo quando consideramos que particularmente o atendimento das necessidades práticas é muito valorizado nos grupos religiosos. Portanto, mais SPs na liderança poderia suprir uma importante lacuna nas atividades religiosas que deveriam estar mais disponíveis para o expressivo número de SPs na população em geral (38%).

Ainda que sejam em número muito reduzido, os SPs se destacam onde estiverem. Seu jeito espontâneo, atrevido e impulsivo se aplica também ao seu estilo de pregar. Os pregadores SP, especialmente os extrovertidos, levam as pessoas às lágrimas com suas palavras comoventes e bem-humoradas. Muitas situações na vida do grupo religioso exigiriam a presença de um líder SP, pois muitas ocasiões estão voltadas mais para a ação e menos para a organização.

Outra característica cativante e deliciosa de alguns SPs é que eles são perpetuamente jovens – nunca crescem. Como seu foco é liberdade e espontaneidade, esperar (*wait*) por qualquer coisa é sua morte psicológica. O Evangelho SP é o de São Marcos.⁶ Jesus é retratado como um homem (Leão de Judá) de ação, sempre em movimento; ele é visto como aquele que tem uma missão urgente. No primeiro capítulo do Evangelho, Jesus já reuniu alguns discípulos em volta dele; fez milagres na Galileia e se envolveu em um problema político. No evangelho todo, Jesus trata uma crise depois da outra até ser crucificado.

Talvez as religiões seriam muito mais interessantes sem a grande escassez de líderes SPs e, a vida religiosa, mais interessante e animada. Especialmente porque SPs preservam fortemente a sua maior grandeza: um coração inteligente e uma inteligência cordial (no caso F)!

Disfunções:

Os outros três temperamentos (SJ, NF e NT), mas especialmente os SJs – que são a grande maioria nas comunidades religiosas em geral – tendem a ver os SPs como vagabundos. (O exemplo clássico é São Francisco, cuja história e tipo já foram analisados em outro artigo de nosso Grupo de Pesquisas). E os próprios SPs frequentemente se consideram loucos de alguma forma. A habilidade SP para permanecer aberto, flexível e espontâneo também pode deixá-lo com problemas quando sua comunidade religiosa

⁶ Não por acaso São Jerônimo ligou o Evangelho de Marcos à figura de um leão, representando a ação e a força.

clamar por maior conformidade com as regras e princípios regimentais. Por um lado os liderados querem exatamente um SP autêntico; querem familiaridade, boas e empolgantes pregações, mas, por outro, também querem estabilidade, organização e seriedade. Aí o líder SP pode ter dificuldade. E, por não gostar de rotina, pode se entediar e negligenciar os aspectos mais rotineiros do trabalho de administração. Como a maioria dos SPs não gosta de planejamentos, tendem a enfrentar tensão com a comunidade religiosa que gosta de viver na ordem e na estrutura bem ordenada.

O líder religioso SJ

Sua atividade é conservadora e é realizada “*com todas as forças*”. É um servo, procura pertencer ao grupo e servir aos outros. É um tipo que sabe se instalar perfeitamente nas comunidades religiosas. É um líder que já vem “pronto”. Oferece naturalmente maneiras concretas, práticas de assistir aqueles que estão em dor, necessidade ou angústia. Já na sua formação os SJs se preparam docilmente e suas perspectivas são ampliadas e aprofundadas e com natural facilidade também se tornam a norma pela qual seu trabalho será julgado. SJs são os mais dependentes de autoridade de todos os tipos. Eles podem ser criticados, já que possuem grande força resiliente, e seguem em frente porque entendem que é isso mesmo que a instituição requer deles. Submetem-se às regras e aprendem com elas e as repetem com maestria. Seu estilo de liderança está focado na denominação e a ela mantém fidelidade e nela constroi o melhor que vem do passado. Enfatizará os fundamentos da religião, , procurará transmitir a tradição às pessoas, a fé simples e as regras

práticas, pé-no-chão, apontando para o modo de viver a vida religiosa.

O líder SJ tende a ser o mais tradicional de todos os temperamentos religiosos, trazendo estabilidade e continuidade em qualquer situação. Tenderá a ser leal aos ritos denominacionais e às doutrinas. Preocupar-se-á com uma rigorosa instrução dos fiéis. O líder SJ deseja ser um servo da sua religião e leal às autoridades. Só deixa de lado sua rígida fidelidade quando acredita que aqueles que têm autoridade “abandonaram a fé”. O líder SJ pode fazer mudanças, mas, de preferência, paulatinamente e só se reconhecer a mudança como necessária. O líder NT pode enxergar as mudanças necessárias, mas o líder SJ é o mais apto para implementá-las. É politicamente sagaz e enraizado na realidade; sempre está ciente dos passos necessários para a mudança e jamais permitirá uma mudança se a achar desnecessária. Para ele, o que é testado e validado pelo passado deve ser preservado. Adora a continuidade do passado e se vê como protetor e conservador da riqueza do passado. Se a mudança for necessária, ela é entendida como uma evolução, nunca como uma revolução. Como seu espírito é conservador e naturalmente servidor, anseia por associação e pertencimento; ele se destaca na construção e preservação de uma comunidade religiosa. Deseja que o grupo ao qual pertence e lidera seja saudável e útil. E que aqueles que pertencem à sua comunidade religiosa sejam tão leais quanto ele e trabalhará para que todos adotem esse mesmo senso de lealdade e pertencimento.

Uma das frases preferidas do líder SJ é “*vocês devem e vocês não devem*”, procurando implantar o senso de

obrigação social, moral e espiritual. Gosta de se sentir necessitado e trabalha melhor com pessoas que têm motivação similar. Procura maneiras tangíveis, concretas para se doar aos outros. Ser “salvo pela graça” é quase negar ao SJ seu temperamento, pois dever e obrigação são parte de sua personalidade. A admoestação de Jesus ao jovem rico: “faça isso e você terá vida eterna” é o caminho espiritual natural do líder SJ. Como líder, o SJ traz ordem e estabilidade às suas comunidades. Raramente comete erros e tende a ser excepcional no trabalho. Não descansa até que as coisas sejam estabelecidas e decididas. É superconfiável e geralmente trabalhará com uma agenda planejada, ordenada.

Como bem sabemos, o temperamento SJ é a coluna vertebral que sustenta a maioria das instituições da sociedade – a família, a comunidade religiosa, os clubes sociais, as escolas, governos, indústria. O líder religioso SJ verá a família nuclear como a unidade familiar mais básica da sociedade que precisa ser preservada. Para ele, uma sólida família é a melhor maneira de cuidar das crianças e pessoas mais velhas.

As pregações do líder SJ são discursos bem organizados e centrados nos textos da tradição religiosa. Sempre será pé-no-chão, realista e direto, refletindo as lições apontadas para o dia. E o fará que tal modo que os que estão nos bancos facilmente se lembrarão do seu trabalho e obrigação.

O Evangelho do líder SJ é São Mateus, o mais organizado dos quatro Evangelhos. O Sermão da Montanha contém vários “deves” do tipo SJ. Jesus é apresentado como

o cumprimento das profecias do Antigo Testamento e não como alguém que apresenta uma nova religião. Mateus se refere a Jesus como “Mestre” doze vezes e registra cinco longos sermões. O Antigo Testamento é citado mais do que nos outros três Evangelhos. Mateus se deleita em mostrar como Jesus recapitula a experiência de Israel em sua própria vida. É apresentado como o novo Moisés, o novo Davi, o novo Salomão, o profeta por Excelência, o novo Israel. Curiosamente também somente o Jesus de Mateus fala de *ekklesia*. E é o único Evangelista interessado na fundação da Igreja de Cristo. Os doze apóstolos são reverenciados como líderes hierárquicos da igreja, sendo Pedro o principal líder. São aspectos que refletem o estilo da liderança SJ: ser o guardião da genialidade criativa do passado. Os outros temperamentos podem censurar os SJs pelo seu tradicionalismo e sua inflexibilidade. Porém, sem os seus esforços, sem o seu amor “*com todas as suas forças*” qualquer instituição religiosa dificilmente sobreviveria.

Disfunções:

As potenciais dificuldades do temperamento SJ não são poucas. E, a bem da verdade, o líder religioso SJ não se desenvolve sem ao menos um pequeno desenvolvimento do fator N. A preferência para o tipo J implica menos tolerância para a natureza aberta e não-estruturada do tipo P.

Áreas em que pode necessitar atenção:

Literalismo: o líder SJ tende a ler literalmente tudo o que está escrito. Isso em geral resulta em uma abordagem mais conservadora da Escritura e da Doutrina. Torna-se

nervoso quando as mensagens são interpretadas figurativa ou simbolicamente – acha que as fronteiras desaparecem e ninguém mais sabe esboçar novas diretrizes e em que base. Por isso mesmo acha que deve tomar as coisas escritas simplesmente como estão escritas.

Pessimismo: Um tipo de cinismo/pessimismo pode acompanhar o temperamento do SJ. Como David Keirse pontua no seu livro, os realistas SJ em geral tendem a antecipar reveses e eventos desfavoráveis. Eles são simplesmente realistas sobre erros e faltas. A lei de Murphy também é completamente SJ: “Se algo pode dar errado, dará”.

Esgotamento: O fenômeno do esgotamento se aplica a todos os tipos; cada tipo se torna esgotado a sua maneira. Porém, o líder SJ parece ser particularmente vulnerável, pois adiciona mais e mais fardos para a sua já longa lista de “tu deves”. E este mesmo senso de dever pode ser constantemente martelado com suas regras, políticas e moralismos aos seus liderados. A habilidade do SJ em organizar e ordenar a vida paroquial é uma força que, quando usada desmedidamente, pode direcionar muitos ao completo aborrecimento da vida religiosa. O líder SJ precisa observar essa tendência. Se não a corrigir, pode tornar-se mesquinho e levar as pessoas a fazer o que supostamente devem fazer de maneira artificial. O líder SJ poderá se irritar quando seus liderados não seguirem os seus procedimentos padrão, por violarem os prazos ou por não cumprirem o que foi estabelecido. Como tende ao pessimismo, o líder SJ pode arrastar seus liderados para o mesmo caminho.

5. Anexo metodológico: tipos não são conceitos

Para esta série de artigos que nosso Grupo de Pesquisas está publicando, uma distinção importante a se ter sempre em conta quando aplicamos a metodologia dos tipos é que os tipos não são conceitos.

O tipo é, assumidamente, aproximativo, incerto e não pretende ser a realidade. Para utilizá-lo, sempre devem ser reiteradas as devidas ressalvas metodológicas, que afirmam:

- seu caráter caricato (no sentido de “carregado”);
- a possibilidade de mistura de fatores opostos dentro de um mesmo sujeito (que pode ser, por exemplo, em alguma medida *S* e *N* ao mesmo tempo e não necessariamente um tipo puro *S* ou *N*);
- a neutralidade ética e valorativa dos diversos tipos (um tipo não é “melhor” do que o outro).

E sobretudo não confundir **tipos** e **conceitos**. E ter em conta que o tipo psicológico é só **um** fator para a compreensão do indivíduo; ao lado de tantos outros fatores: gênero, classe social, família (p. ex. pai tirano ou ausente), geração, classe social, substrato cultural etc. etc. etc.

A própria linguagem comum já nos ensina algo sobre os tipos e previne contra sua absolutização: em espanhol, “*tipo* (ou *tío*)” é qualquer pessoa, equivalente ao nosso “cara”; afinal, ninguém é tão original que não se encaixe em algum tipo... Já a relativamente recente gíria “tipo” (ou “tipo assim”) indica imprecisão, inexatidão: “500 francos suíços, sei lá, acho que é tipo 300 ou 400 dólares”. “Tipo” serve

também como eufemismo para o inautêntico ou *Ersatz*: um salame “tipo” italiano é **não** italiano, mas de Pirituba mesmo. E a “baiana típica” não existe senão para marcar presença em banca de acarajé ou para figurar em selfies de turistas...

O próprio Max Weber adverte:

Um tipo ideal é normalmente uma simplificação e generalização da realidade. Partindo desse modelo, é possível analisar diversos fatos reais como desvios do ideal: Tais construções (...) permitem-nos ver se, em traços particulares ou em seu caráter total, os fenômenos se aproximam de uma de nossas construções, determinar o grau de aproximação do fenômeno histórico e o tipo construído teoricamente. Sob esse aspecto, a construção é simplesmente um recurso técnico que facilita uma disposição e terminologia mais lúcidas”

(WEBER, Max. “As rejeições religiosas do mundo e suas direções” cit. in Quintaneiro 2003, p. 103):

E um parágrafo weberiano clássico na caracterização do Tipo Ideal:

acentuação unilateral de um ou mais pontos de vista e como uma síntese de um grande número de fenômenos concretos individuais, que são

difusos, descontínuos, mais ou menos presentes ou então ocasionalmente ausentes, que são ordenados de acordo com esses pontos de vista acentuados unilateralmente, de modo a formar-se uma construção analítica unificada” (cit. por Barreto 1999)

Essas afirmações são importantes e têm consequências: há situações que requerem a condição aberta dos tipos; em outras pode-se fechar com conceitos bem estabelecidos. Claramente, em Matemática, há, digamos, o conceito de triângulo retângulo e é rígido e imutável; em outras ciências, podemos também falar do conceito de mamífero, ou de isótopo etc. O problema surge em situações (como é o caso tantas vezes em Ciências Humanas) nas quais não fica claro se se trata de um conceito ou de um tipo, o que é frequentemente discutido em Direito e deve sê-lo também em Religião.

No Direito, discute-se a aplicabilidade de tipos (x conceitos). Derzi assim considera as diferenças entre tipo e conceito:

Opondo-se ao nominalismo, que vê na desigualdade a característica básica do mundo real, o conceito, no sentido aristotélico de “essência” da coisa, une os objetos em classe pela identidade e distingue-os segundo a diferença de espécie, mas sempre tem como pressuposto a idéia de que o conceito mais

específico e menos geral estará contido naquele superior e mais amplo da mesma classe. Igualmente, o tipo ordena o conhecimento segundo as semelhanças e dissemelhanças encontráveis nos indivíduos, mas abole o rigor da identidade e admite as transições fluidas, a comparação e a gradação entre as diferentes ordens. (Derzi, pp. 214-215)

E também:

O tipo, como uma nova metodologia para o Direito, vem a ser uma ordem que se opõe ao conceito classificatório rígido e exato. Consiste em uma nova metodologia que vem proposta tanto para ordenar o conhecimento jurídico científico, como para aplicar o Direito em cada caso concreto. Em face dessa concepção, o pensamento conceitual abstrato e fechado, como observa Leenen, é considerado arcaico, vale dizer, tanto antiquado, a merecer uma superação, como originário. (Derzi, pp. 221-222)

Mesmo para o Direito Tributário, Castro alerta para casos nos quais há a necessidade do emprego de tipos e em que os conceitos não são apropriados:

Limitar o fenômeno tributário aos conceitos significa condenar a atividade tributária a uma miopia inaceitável, considerando a necessidade de financiamento das despesas públicas por intermédio de novas manifestações econômicas que demonstram, de forma inequívoca, capacidade contributiva. Por outro lado, o tipo mostra-se como “um sistema elástico de características”, marcado pela abertura, pela gradação, pela flexibilidade e facilitador ou viabilizador da apreensão dos fenômenos econômicos mais importantes para a tributação, justamente aqueles descritos pelo constituinte. Nesse rumo, o tipo funciona como uma *categoria* alternativa ao conceito e visceralmente mais adequada para lidar com as flutuações intensas da realidade econômica. Portanto, os vocábulos constitucionais delimitadores da realidade econômica tributável são, em verdade, tipos.

Erroneamente, o tipo foi introduzido no direito tributário brasileiro com o sentido de algo “fechado” ou “hermético”. Daí surgiram as expressões “tipo tributário” e “princípio da tipicidade fechada ou cerrada”. Em verdade, o “tipo fechado” mostra-se como uma contradição em termos. Se é tipo é aberto. Se é fechado é conceito. Não existe o “tipo fechado”, assim como não existem o “frio quente” ou o “branco preto”. (Castro 2011)

E foca no caso de “serviços” (e as correspondentes consequências tributárias...):

Entre os vários tipos constitucionais-tributários, o *serviço* aparece como um dos mais ricos e complexos. Justamente porque as mudanças no campo econômico produziram um considerável alargamento do que se entende por *serviço*, adotada como ponto de partida a idéia de *serviço* como “obrigação de fazer” ou “atividade humana em benefício alheio”.

O sentido do vocábulo absorveu de tal forma a complexidade da realidade econômica e a representação de uma gama tão ampla de atividades que a famosa revista *The Economist* chegou a consignar *serviço* como “*qualquer coisa vendida que não cai em seus pés*”. [...] A noção em questão, vista como tipo, pode ser atualmente enunciada, somente para efeitos práticos, como “a realização de atividade econômica voltada para produzir alguma utilidade para terceiro”. Assim, não escapa da caracterização como *serviço* a locação de bens móveis.

Evidentemente no campo das interpretações religiosas e da moral cristã, também se dá o embate entre a “clareza” dos conceitos e a adaptabilidade dos tipos. Quando o pastor Silas Malafaia esbraveja suas certezas, defende-se das

acusações de homofobia e *preconceito* contra gays: “eu não acho, eu tenho **conceitos** bíblicos (...) eu não tenho preconceitos; eu tenho conceitos firmados” e “Deixa eu te falar uma coisa que você não sabe (...) O mesmo Deus que fala sobre amor lança o homem no inferno [etc.]” (<https://www.youtube.com/watch?v=-pwXJCotDCU> – 2 min e ss.)

Do mesmo modo, o então candidato a assumir o lugar do falecido Teori Zavascki no STF, o ministro do TST Ives Gandra Filho, provocou polêmica ao evocar o conceito de família e afirmar: “casais homoafetivos não devem ter os mesmos direitos dos heterossexuais; isso deturpa o conceito de família”. (<https://www.revistaforum.com.br/cotado-para-stf-ives-gandra-filho-defende-submissao-da-mulher-ao-marido/>)

Sem pretender relativizar a doutrina e a moral cristãs, lembramos o fato de que Cristo não elaborou conceitos. Se o pensamento grego tem seu lugar no *logos*, nos conceitos e na argumentação lógica; o *mashal*, a parábola é “a cara” do Oriente. Cristo não está preocupado em elaborações conceituais nem empreende requintados debates lógicos: dEle, o evangelho diz - Mt 13, 34-35 – que só falava em *mashalim*, parábolas: “E sem parábolas nada lhes falava, para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta: ‘Abrirei a boca em parábolas; proclamarei coisas ocultas desde a fundação do mundo’”. E quando é perguntado pelo “próximo”, Cristo não procura estabelecer aristotelicamente uma conceituação teórica (“A diz-se próximo de B se, e somente se, tal e tal ...), mas simplesmente conta a parábola do bom samaritano...

Referências

Barreto, Maria Cristina Rocha **A Sociologia em Max Weber**
Mossoró: DCS/URRN, 1999.
<https://dokumen.tips/documents/leituras-de-sociologia-3-weber.html>

Castro, Aldemario Araujo “Uma análise crítica acerca da idéia de serviço consagrada na súmula vinculante 21 do STF” **Revista da PGFN**, ano 1 número 1, jan/jun. 2011.
<http://www.sinprofaz.org.br/2014/artigos/uma-analise-critica-acerca-da-ideia-de-servico-consagrada-na-sumula-vinculante-21-do-stf>

Derzi, Misabel de Abreu Machado “Tipo ou conceito no Direito Tributário?” *Revista da Faculdade de Direito da UFMG*, Belo Horizonte: UFMG, No. 30-31, 1988.
<https://www.direito.ufmg.br/revista/index.php/revista/article/view/1046/979>

Keirse, David; Bates, M. **Please understand me**. Del Mar: Prometheus Nemesis, 4th ed., 1984.

Marías, Julián *Hispanoamérica*, Madrid: Alianza, 1986.

Quintaneiro, Tania; et al. **Um toque de clássicos : Marx, Durkheim, Weber**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

Roy M. Oswald & Otto Kroeger. **Personality Type and Religious Leadership**. An Alban Institute Publication, 1988.

Publ. orig.: *Revista Internacional d'Humanitats* 45 jan-abr 2019
CEMOrc-Feusp / Univ. Autònoma de Barcelona

Tipos de David Keirsey - identificando algumas características – 2ª. parte

Jean Lauand
Enio Starosky
João Sérgio Lauand⁷

1. Algumas características dos NF: a busca do próprio *self*

Nos dois artigos anteriores desta série (www.hottopos.com/isle33/index.htm & www.hottopos.com/rih45/), discutimos algumas características dos tipos SP e SJ. Por mais que possam ser opostos, os dois tipos S não têm maiores dificuldades na captação das motivações e do modo de ser um do outro. Já o tipo NF, apresenta dificuldades quase intransponíveis de compreensão para os demais tipos. Originalmente DK afirmava que os NF eram cerca de 10% da população geral; seu site hoje, afirma que são cerca de 15%. Em qualquer caso, clara minoria em relação aos 75% ou 80% de pessoas do tipo S.

⁷. Doutor em Educação Feusp.

Ao indicar as características comuns ao tipo de temperamento NF (que como todos os temperamentos admite 4 modalidades de sub-tipos), o site oficial de David Keirsey (abreviaremos por DK) indica:

Tend to be: giving, trusting, spiritual, and they are focused on personal journeys and human potentials.

Pride themselves: on being loving, kindhearted, and authentic.

They make: intense mates, nurturing parents, and inspirational leaders.

They are: enthusiastic, they trust their intuition, yearn for romance, seek their true self, prize meaningful relationships, and dream of attaining wisdom.

(<https://keirsey.com/temperament/idealist-overview/>)

Para introduzir o desafio de caracterizar o NF e seus objetivos na vida, algo extremamente problemático para os outros tipos (e até para os próprios NF), recorro ao texto de que DK se vale “que requer uma retórica tortuosa e enrolada” (Keirsey 1984, p. 58), de um dos mais notáveis NF, Carl Rogers:

Tornar-se pessoa significa que o indivíduo se move em direção a *ser*, com conhecimento de causa e numa atitude de aceitação, o processo que ele é de fato em profundidade. Afasta-se do que não é, de ser uma fachada. Não procura ser mais do que é, com todos os sentimentos de insegurança e os mecanismos de defesa que isso implica. Não tenta ser menos do que é, com os sentimentos implícitos de culpabilidade ou depreciação de si. Está cada vez mais atento ao que se passa nas profundezas do seu ser fisiológico e emocional e descobre-se cada vez mais inclinado a ser, com uma precisão e uma profundidade maiores, aquilo que é da maneira mais verdadeira.

(Rogers 1997, pp. 200-201)

Após apresentar esse texto, DK comenta que para os demais tipos (SP, SJ e NT) trata-se de, na interpretação benévola, de um falar totalmente em enigmas; na interpretação crua, puro disparate (*sheer nonsense*). Já para o NF é a forma mais elegante de expressar seu modo de ser: a busca do eu (não no sentido narcisista nem, obviamente, com conotação egoísta). Enquanto a busca dos SP, SJ e NT pode ser feita direta e rapidamente, a do NF é circular e, portanto, permanente: como se pode atingir uma meta, quando a meta é ter uma meta? Seu fim é tornar-se (*becoming*).

O Eu mais verdadeiro do NF é o Eu em busca de si mesmo; seu propósito na vida é ter um propósito na vida.

Constantemente fazendo-se a si mesmo, o NF nunca pode ser ele mesmo, já que o próprio ato de alcançar o Eu o poria imediatamente fora de seu alcance e é nesse sentido que DK interpreta a sentença final do famoso monólogo de Hamlet: “E desde que nos prendam tais cogitações, empresas de alto escopo e que bem alto planam, desviam-se de rumo e cessam até mesmo de se chamar ação”. Agir (*to become*) é destruir o seu ser; enquanto “*to be*” sem agir é uma impostura e, portanto *nonbeing*.

O paradoxo do NF é que “*One becomes oneself if and only if one does not*”. É o eco do “Torna-te o que és” de Píndaro, o da identidade (a sua, autêntica e *unique*): Como posso tornar-me a pessoa que eu *realmente* sou? (Keirsey 1984, pp. 57-58).

O NF vai deambulando, às vezes espiritualmente, às vezes psicologicamente, ou até fisicamente, em busca de saciar essa sede de unidade e de individualidade para auto-realizar-se em um todo perfeito e uma identidade única, embora os caminhos nunca sejam claros. E Keirsey ajunta a citação do Siddartha de Herman Hesse:

Mas onde, onde se encontra este Eu, esta mais profunda interioridade? Não é carne e osso, não é pensamento ou consciência. É o que ensinavam os sábios. Onde, onde está então? Penetrar no Eu - existiria outro caminho digno do procurar? Mas, ai, ninguém lhe mostrava esse caminho, ninguém o conhecia, nem o pai

nem os professores e sábios, nem os cânticos sagrados... !

Eles conheciam um enorme número de coisas – mas valeria a pena saber tudo isso, se não conheciam a coisa importante, a única coisa importante? (Hesse, cit. por Keirse 1984, p. 59)

Se para os SP e SJ os fatos são fatos e ponto; para os NF, eles são pistas para essa busca do self, do sentido humano (e, para alguns NF, também do divino...).

O maravilhoso verso de Adelia Prado manifesta o NF ao extremo:

De vez em quando Deus me tira a poesia.
Olho pedra e vejo pedra mesmo (Prado 1991, p. 199)

Imagine-se o que pensariam os S, ou melhor ainda um acentuado ISTP ou um ISTJ, quando confrontados com esse verso (“O que essa mulher andou cheirando?”, “Pode internar!”, “Muita cachaça dá nisso”...). Quando muito, diriam “Muito de vez em quando, Deus me dá poesia e então eu olho pedra e até discuto comigo mesmo o significado metafísico- existencial...”.

Mas para os NF, mesmo a prosaica pedra (que o Sócrates platônico, uma e outra vez, usa para referir-se à realidade mais bruta), abre horizontes infinitos para a busca

do *self* e do sentido. É o que vemos em Drummond, Sartre, Fernando Pessoa etc.

NF é a pedra de Drummond:

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.
Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra

E o NF, de “A Tabacaria” de Fernando Pessoa (Álvaro de Campos), também vê mais do que chocolates, tabacaria e pedras (devo lealdade a elas? à “realidade plausível?”), em sua infatigável busca pelo *self*:

Não sou nada.
Nunca serei nada.
Não posso querer ser nada.
À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.
Janelas do meu quarto,
Do meu quarto de um dos milhões do mundo
que ninguém sabe quem é

(E se soubessem quem é, o que saberiam?),
Dais para o mistério de uma rua cruzada
constantemente por gente,
Para uma rua inacessível a todos os
pensamentos,
Real, impossivelmente real, certa,
desconhecidamente certa,
Com o mistério das coisas por baixo das pedras
e dos seres,

[...]

Estou hoje perplexo como quem pensou e achou
e esqueceu.
Estou hoje dividido entre a lealdade que devo
À Tabacaria do outro lado da rua, como coisa
real por fora,
E à sensação de que tudo é sonho, como coisa
real por dentro.

[...]

Que sei eu do que serei, eu que não sei o que
sou?
Ser o que penso? Mas penso ser tanta coisa!
E há tantos que pensam ser a mesma coisa que
não pode haver tantos!
[Sob a janela, passa uma menina – SP? – a abrir
um bombom]
Come chocolates, pequena;
Come chocolates!

Olha que não há mais metafísica no mundo
senão chocolates.
Olha que as religiões todas não ensinam mais
que a confeitaria.
Come, pequena suja, come!
Pudesse eu comer chocolates com a mesma
verdade com que comes!
Mas eu penso e, ao tirar o papel de prata, que é
de folhas de estanho,
Deito tudo para o chão, como tenho deitado a
vida.)
Mas ao menos fica da amargura do que nunca
serei
A caligrafia rápida destes versos,

[...]

Como os que invocam espíritos invoco
A mim mesmo e não encontro nada.
Chego à janela e vejo a rua com uma nitidez
absoluta.
Vejo as lojas, vejo os passeios, vejo os carros
que passam,
Vejo os entes vivos vestidos que se cruzam,
Vejo os cães que também existem,
E tudo isto me pesa como uma condenação ao
degredo,
E tudo isto é estrangeiro, como tudo.

[...]

Fiz de mim o que não soube,
E o que podia fazer de mim não o fiz.

[...]

Essência musical dos meus versos inúteis,
Quem me dera encontrar-te como coisa que eu
fizesse,
E não ficasse sempre defronte da Tabacaria de
defronte,
Calcando aos pés a consciência de estar
existindo,
Como um tapete em que um bêbado tropeça
Ou um capacho que os ciganos roubaram e não
valia nada.
Mas o dono da Tabacaria chegou à porta e ficou
à porta.
Olhou-o com o desconforto da cabeça mal
voltada
E com o desconforto da alma mal-entendendo.
Ele morrerá e eu morrerei.
Ele deixará a tabuleta, e eu deixarei versos.
A certa altura morrerá a tabuleta também, e os
versos também.
Depois de certa altura morrerá a rua onde estive
a tabuleta,
E a língua em que foram escritos os versos.
Morrerá depois o planeta girante em que tudo
isto se deu.
Em outros satélites de outros sistemas qualquer
coisa como gente

Continuará fazendo coisas como versos e
vivendo por baixo de coisas como tabuletas,
Sempre uma coisa defronte da outra,
Sempre uma coisa tão inútil como a outra,
Sempre o impossível tão estúpido como o real,
Sempre o mistério do fundo tão certo como o
sono de mistério da superfície,
Sempre isto ou sempre outra coisa ou nem uma
coisa nem outra.
Mas um homem entrou na Tabacaria (para
comprar tabaco?),
E a realidade plausível cai de repente em cima
de mim.
Semiergo-me enérgico, convencido, humano,
E vou tencionar escrever estes versos em que
digo o contrário.
Acendo um cigarro ao pensar em escrevê-los
E saboreio no cigarro a libertação de todos os
pensamentos.
Sigo o fumo como uma rota própria,
E gozo, num momento sensitivo e competente,
A libertação de todas as especulações
E a consciência de que a metafísica é uma
consequência de estar mal disposto.

[...]

O homem saiu da Tabacaria (metendo troco na
algibeira das calças?).

Ah, conheço-o: é o Esteves sem metafísica.

(O dono da Tabacaria chegou à porta.)

Como por um instinto divino o Esteves voltou-se e viu-me.
Acenou-me adeus gritei-lhe Adeus ó Esteves!, e o universo
Reconstruiu-se-me sem ideal nem esperança, e o dono da Tabacaria sorriu.

Recruta Zero Mort Walker



“Come chocolates, pequena...”. A busca de sentido do NF x o sargentão ISTP

A mesma “complicação” NF, em torno de uma prosaica pedra, dá-se no famoso romance *A Náusea* de Sartre. poema de Drummond. De repente, como no início do romance, olhamos uma pedra (e é a milionésima vez que vemos uma pedra e esta nada tem de especial) e, sem saber o porquê, ela é princípio de um processo de abalo existencial que beira os 9 pontos Richter.

É o que se dá na vida do personagem Antoine Roquentin:

Sábado, uns garotos estavam a atirar pedrinhas ao mar para as fazer saltar de ricochete, e pretendia atirar uma como eles. Nesse momento

detive-me, deixei cair a pedra e fui-me embora. Devia ir com uns ares de transviado, com certeza, porque os garotos desataram a rir quando voltei as costas. Isto, quanto ao exterior. O que se passou em mim não deixou traços claros. Havia qualquer coisa que vi e que me repugnou, mas já não sei se estava a olhar para o mar ou para a pedra. A pedra era chata; dum lado estava inteiramente seca, úmida e enlodada do outro. Tinha-a agarrado pelas beiras, com os dedos muito afastados, para não me sujar (SARTRE, 2005)

O impacto causado pela pedra vai num *crescendo*, a partir daquela pedra, o personagem vai questionando a existência. Ao final, aquilo que começara com uma pedra no lago, acaba no parque, quando contempla as árvores, a fonte e, principalmente, a si mesmo. “Nós éramos todos um amontoado de existentes acabrunhados, não tínhamos a mínima razão para existir”, “todo existente nasce sem razão, prolonga-se por fraqueza e morre por acaso”. “Tive medo, mas principalmente raiva: achava aquilo tudo tão idiota, tão deslocado”. “Quando se compreende isso, o estômago começa a dar voltas: é a náusea! É absurdo que tenhamos nascido, é absurdo que morramos”. “Tinha aprendido tudo que se pode saber sobre a existência. Voltei ao hotel e comecei a escrever”.

O que os NFs podem fazer a partir de uma “simples” pedra: do ateísmo de Sartre, passando pelo ceticismo de Drummond, à mística cristã de Adélia Prado!

Ou a pedra de Intihuatana (“onde se amarra o Sol”), que em Machu Picchu recebeu interminável abraço daquela colega INFP, enquanto a família SJ, impaciente e perplexa, tinha que esperar a reflexão e “troca de energia” (!?) que aquela pedra – imantada por milhares de experiências humanas ao longo de séculos – (supostamente) propiciava à incorrigível INFP.



Concluimos esse tópico com o clássico ZEN:

Antes que eu penetrasse no Zen, as montanhas e os rios nada mais eram senão montanhas e rios. Quando aderi ao Zen, as montanhas não eram mais montanhas, nem os rios eram rios. Mas

quando compreendi o Zen, as montanhas eram só montanhas e os rios, apenas rios.

Para as artes *Do* do Oriente, o ser e o agir (com o não agir) se interpenetram no complexo jogo da busca do ser: ao disparar a flecha, o arqueiro Zen atinge a si próprio, como o chá, da Cerimônia do Chá, o que propicia é a transformação interior...

2. Santo Agostinho e a busca do *self*

Um gigantesco campeão NF na história é Agostinho. É ele quem introduz uma revolucionária perspectiva para a humanidade: a da intimidade. Como explica Julián Marías em memorável conferência sobre o bispo de Hipona:

A grande descoberta, a maior, de Santo Agostinho é a **intimidade**. E quando ele se questiona, diz: *Deum et animam scire cupio* – quero conhecer a Deus e à alma. *Nihil aliud*, nada mais, absolutamente nada mais. É uma sentença que um grego jamais poderia empregar. A alma é, em última análise, a grande descoberta de Agostinho, a alma entendida como intimidade. E fala justamente do espiritual. Espiritual não quer dizer não-material; há uma tendência muito freqüente de entender o espiritual como aquilo que não é

material; e não é disso que se trata, mas de algo muito importante: espiritual é aquela realidade que é capaz de entrar em si mesma, o poder entrar em si mesmo é o que dá a condição de espiritual, não a não-materialidade. [...]

Por isso Santo Agostinho dirá: não vá fora, entra em ti mesmo: no homem interior habita a verdade: *Noli foras ire, in teipsum redi: in interiore homine habitat veritas*. Essas palavras são de uma enorme relevância, são até de um extraordinário valor literário. É disso que se trata: do homem interior. A descoberta é a interioridade, a intimidade do homem. [...] Para Santo Agostinho é preciso levar a sério que o homem é *imago Dei*, imagem de Deus. É evidente que para encontrar a Deus, o primeiro passo, e o mais adequado, será buscar sua imagem, que é o homem como intimidade, o homem interior.

Isso é o principal. E toda sua obra terá esse caráter. Um dos livros capitais é *As confissões*, que num certo sentido é o mais importante. Então, o que são essas *Confissões*? É um livro que não existe no mundo antigo, não há nada equivalente. [...] Essa entrada na intimidade, no mais profundo de si mesmo, em confissão – a palavra é confissão – é uma autobiografia. Esse é precisamente o pensamento de Santo Agostinho: consiste primariamente em mostrar, em descobrir sua própria intimidade. [...] Portanto, em Agostinho, a grande descoberta foi

esta, de ver o mundo e ver a realidade na perspectiva da intimidade. Do ponto de vista portanto de quem eu sou: *nec ego ipse capio totum, quod sum*, nem eu mesmo compreendo tudo aquilo que sou. É uma realidade que não acaba de se manifestar, que é algo no qual sempre se pode aprofundar, que é preciso ir mais além, e por isso a forma de se descobrir é precisamente contá-lo, fazer uma autobiografia, uma confissão, pois é nela que aparecerão precisamente as visões da realidade, da realidade que se basicamente é dele, de Agostinho, é também, do homem em geral, e por meio dele dá acesso a Deus. (Marías, 2001)

A busca NF do *self* parece fadada ao insucesso, pelo fato, tão simples, que o genial João Guimarães Rosa registra em um de seus diários:

Escrever diário é como deixar de fumar, para guardar bem a cinza do cigarro que se gastou aceso sozinho... Falta a distância.
(cit. por Gama. p. 199 - onde há também outras formulações da mesma ideia por Rosa)

O drama do NF é essa rachadura agir/observar-se ou, como também genialmente se expressa já no título da canção de Milton (Sérgio Magrão e Luiz Carlos Sá), “Caçador de mim”, debater-se na luta de ser ao mesmo tempo presa e

caçador, tentando se encontrar longe de seu lugar... Ser NF é estar em permanente busca para “descobrir o que me faz sentir eu caçador de mim”.

Por tanto amor, por tanta emoção
A vida me fez assim
Doce ou atroz, manso ou feroz
Eu, caçador de mim
Preso a canções
Entregue a paixões
Que nunca tiveram fim
Vou me encontrar longe do meu lugar
Eu, caçador de mim
Nada a temer
Senão o correr da luta
Nada a fazer
Senão esquecer o medo
Abrir o peito à força
Numa procura
Fugir às armadilhas da mata escura
Longe se vai sonhando demais
Mas onde se chega assim
Vou descobrir o que me faz sentir
Eu, caçador de mim
Nada a temer
Senão o correr da luta
Nada a fazer
Senão esquecer o medo
Abrir o peito à força
Numa procura

Fugir às armadilhas da mata escura
Vou descobrir o que me faz sentir
Eu, caçador de mim

Se, como mostramos em artigo anterior, a imensa maioria dos provérbios são dos tipos S (SJ e SP), o provérbio por excelência dos NF é o clássico de Terêncio:

“Sou homem e nada do humano (daquilo que é humano) considero alheio a mim” (*homo sum et nihil humani alienum me puto*)

Essa busca pelo *self* passa pela interação com o outro (*nihil humani alienum...*); é nesse encontro que se assoma “a presa”: o próprio caçador! Intensifica-se assim o drama NF: o eu é ampliado e envolve a abertura para o outro, segundo a célebre sentença de Ortega: “Yo soy yo y mi circunstancia, y si no la salvo a ella no me salvo yo “, com a sutil observação de Juan Ramón Jiménez: “‘Dime con quién andas, y te diré quién eres’. Ando solo. Dime quién soy”. (cit. por Laín Entralgo, p. 81)

Juntem-se a empatia, a integridade, a solicitude pelo humano e demais características do NF, e teremos grandes líderes (/mártires) de causas humanistas: Mandela, Martin Luther King, Gandhi etc. Por eles, Madonna, em seu pragmatismo ESTP, se diz inspirada, mas: “I want to be like Gandhi and Martin Luther King and John Lennon – but I want to stay alive”.

Nesse sentido, uma recordação da infância, a de um priminho NF, na época com 7 ou 8 anos. Naquele tempo, anos 50, estava enormemente difundida uma canção infantil, do palhaço Carequinha, cuja letra dizia: “Criança feliz / Que vive a cantar / Alegre a embalar / Seu sonho infantil / Oh meu bom Jesus / Que a todos conduz / Olhai as crianças / Do nosso Brasil”. Para o priminho NF, a coisa não era tão simples: “Jesus tem que olhar também para todas as crianças do mundo, não só as do Brasil. E mais ainda pelas crianças pobres e doentes!”

Experimentar o humano: em sua “caçada”, os NF podem ser excêntricos. Há muitos anos, costumava dar carona para um notável colega, professor de Humanas na USP. Em um desses dias, levei-o para recolher 30000 dólares em cash (a parte que lhe cabia na venda de um imóvel da família) e em seguida retomamos o caminho habitual. Fiquei surpreso quando me disse: “- Pare, vou saltar aqui” (a três quarteirões de sua casa). “ – Mas como? Logo hoje, com esse dinheiro todo?” “- Precisamente por isso: a possibilidade de ser assaltado, ajudar-me-á a saber como é meu apego e minha relação com o dinheiro!” Claro que o levei até dentro da garagem de seu prédio. Esse mesmo NF excêntrico, confidenciou-me, em outra ocasião, que, quando criança brincava de aviãozinho, simulando com o brinquedo, **em tempo real**, um vôo (imagino que de curta distância...) para vivenciar a sensação da demora que têm os viajantes...

O NF e as metáforas. Ninguém como o NF para quem a metáfora é conatural; os NF chegam a irritar os S com sua profusão de metáforas, que prefeririam falar direto do assunto (pedra é pedra). *O Carteiro e o poeta (Il postino)*, filme de

1995, dirigido por Michael Radford, gira em torno da metáfora. Nele o poeta Pablo Neruda, exilado em uma ilha italiana, faz amizade com o rústico carteiro Mario em quem desperta o talento para a metáfora e para a poesia. Um dia, na praia, após declamar um vigoroso poema sobre o mar, começa o diálogo:

Neruda - Então? Que te parece?

Mario responde - É estranho.

Neruda questiona - Como assim, estranho? É um crítico severo.

Mario diz - Não, não o seu poema. Estranho... É como me senti enquanto estava a recitar.

Neruda - E como foi isso?

Mario - Não sei. As palavras iam para frente e para trás.

Neruda - Como o mar?

Mario - Exatamente.

Neruda - Esse é o ritmo.

Mario - Na verdade, senti-me mareado.

Neruda - Mareado...

Mario - Mareado. Não sei explicar. Senti-me como um barco balançando na volta dessas palavras.

Neruda sorri e pergunta - Como um barco balançando nas minhas palavras?

Mario responde - Sim.

Neruda - Sabes o que acaba de fazer, Mario?

Mario - Não, o quê?

Neruda - Uma metáfora.

Mario se espanta, não acredita que foi capaz de fazer algo que seu amigo e poeta faz, e diz - Mas não vale, não tive intenção.

Neruda - A intenção não é importante. As imagens nascem espontaneamente. Mario, confuso, pergunta - Quer dizer, então, que... Por exemplo, não sei se consigo explicar... O mundo inteiro... O mundo inteiro, com o mar, o céu, com a chuva, as nuvens..

Neruda - Agora pode dizer etc, etc.

Mario - Etc, etc. O mundo inteiro é a metáfora para outra coisa qualquer? Estou dizendo asneiras.

Neruda - Não, não está não. Mario, vamos fazer um pacto. Vou tomar um belo banho e refletir sobre a tua resposta. E amanhã respondo.

Mario - Sério?

Neruda - Sim. Sério.

(A cena encontra-se p. ex. em <https://www.youtube.com/watch?v=T2ggLTEDnzg>).

Os NFs são os inspiradores das grandes causas (o que não quer dizer que sempre sejam santos; podem ser cruéis em sua luta pelo ideal...), com muito carisma mas nem sempre com o senso prático para conduzi-las. A invocação de D. Quixote chega quase a ser recorrente quando falamos dos NF, *Idealist*.

No ENFP Che Guevara essa referência (e autorreferência) ao Quixote era uma constante: sacrificaria

tudo e sacrificou a si mesmo pela esperança: “*un nuevo hombre, nuevo mañana*”. Quando parte para a aventura do Congo, seguida da – ainda mais quixotesca - da Bolívia, escreve uma carta aos pais: “*Otra vez siento sobre mis talones el costillar de Rocinante, vuelvo al camino con mi adarga al brazo (...)*Muchos me dirán aventurero, y lo soy, sólo que de un tipo diferente y de los que ponen el pellejo para demostrar sus verdades.” E em outra carta, de 1956 “*decidí cumplir primero las funciones principales, arremeter contra el orden de cosas, con la adarga al brazo, todo fantasía, y después, si los molinos no me rompieron el coco, escribir*”.⁸



by David Levine <https://www.nybooks.com/articles/1997/07/17/goodbye-to-all-that/>

⁸. Encontram-se em <http://www.epoca2.lajiribilla.cu/articulo/10818/con-la-adarga-al-brazo-todo-fantasia>

Independentemente do mérito (e da discussão sobre a brutalidade de seus métodos, que tinha que ser amenizada pelo comandante ENFP Fidel!), Guevara, como ministro da Indústria, imaginava sinceramente que o povo cubano iria imitá-lo sacrificando seus fins de semana e suas horas livres trabalhando arduamente, sem nenhuma recompensa financeira para criar o *nuevo hombre socialista*! Como Luís Carlos Prestes imaginava que o povo brasileiro estava nas décadas de 20 e 30 pronto para segui-lo no levante comunista... E Che imaginava que os camponeses da Bolívia iriam dar seu sangue para acompanhá-lo na guerrilha!

3. O NF como líder religioso

Segundo um estudo dirigido por Oswald e Kroeger (1988), no qual apoiamos boa parte deste tópico, a liderança NF aparece predominantemente nas religiões protestantes. De acordo com esse estudo, metade dos religiosos (um em cada dois!), tem como preferência a abstração, a busca pela autenticidade e a autorrealização. Um índice extremamente alto, considerando que – como sabemos – apenas em torno de 12 a 15% da população em geral é NF. Naturalmente, como veremos, os NFs figuram em todos os grupos religiosos e, em todas as religiões pelo mundo afora, são grandes mestres espirituais naturalmente atraídos para papéis de ajuda e para lidar com o sofrimento humano. Como os NTs, orientam-se pelo futuro, mas perseguem uma “busca sem fim” de si mesmos (*self*). Porém, não pensam nas razões e nos princípios lógicos, como fazem os NTs.

NFs são os mais românticos e idealistas de todos os tipos e têm a esperança e o amor como as virtudes teológicas preferidas. E de todos os tipos N, são os que têm a transcendência em grau mais elevado e os que melhor trabalham com o “lado misterioso da vida”. Estão sempre em busca do numinoso, querendo alcançar pelo menos um breve clarão do invisível. Estão menos preocupados com a verdade da fé (como os NTs), e mais em compreender a religião como comportamento humano. Para isso dispõem da intuição vital (*Einfühlung*). Como essa é sua habilidade mais desenvolvida, sempre vislumbram e sonham com um futuro perfeito e promissor. Também desenvolvem grande habilidade de falar (especialmente NFs extrovertidos), ao mesmo tempo que são capazes de ouvir empaticamente (sobretudo NFs introvertidos). Os NFs introvertidos são místicos naturais. Não é surpresa que muitos acabem tomando o caminho espiritual para encontrar seu eu mais profundo, como é o caso do apóstolo João, um autêntico INFP – idealista entre os idealistas –, já referido em outro artigo das nossas recentes pesquisas.⁹

Como são profundamente altruístas, costumam ter problemas de consciência do tipo: “É um crime que eu seja pago para fazer aquilo que eu *quero* e *desejo* ser”! Percebem o mundo como pura possibilidade e querem traduzir essa possibilidade intra e interpessoalmente. De fato, não é por acaso que uma alta porcentagem de líderes religiosos sejam NFs. Desde a sua formação, NFs tendem a amar seus estudos. Ao contrário dos NTs, que gostam do ambiente intelectual como um lugar para ganhar competência, NFs veem seus

⁹ Disponível em: <http://www.hottopos.com/isle28/137-154EnioSylvioF.pdf>

estudos como um lugar para serem transformados em seres de profunda religiosidade e de preparação para o ideal de servir os outros. NFs contribuem muito para tornar os ambientes calorosos, amorosos onde o encontro real com autênticos seres humanos é possível.

Desse modo, sentir-se parte da comunidade, ou o sentimento de pertença e de segurança – tão apreciado por um SJ – tem significado diferente para os NFs. Eles veem o pertencimento apenas como meio para encontrar um eu mais autêntico. Se para um SJ o pertencimento é um fim em si mesmo – uma afirmação fundamental –, para os NFs pode ser mais transitório, por isso tendem a ser peregrinos que, de modo geral, não param numa comunidade por longo período de tempo. Ainda que, em geral, NFs sejam líderes fiéis, só o são enquanto sentirem que estão crescendo em autorrealização. Mas podem ter problemas com autoridades, pois costumam respeitar somente as idealizadas internamente. Esse pode ser um conflito comum para um NF. Mesmo assim, é o tipo mais flexível e adaptável de todos os temperamentos na atividade religiosa. E também o mais capaz de atingir a máxima paulina do *“fiz-me como fraco para os fracos, para ganhar os fracos. Fiz-me tudo para todos, para por todos os meios chegar a salvar alguns”* (1Co 9.22).

O lado negativo é que os líderes religiosos do tipo NF necessitam agradar todo mundo. Uma pessoa racional – também os NTs, mas sobretudo os SPs e os SJs – diria que agradar a maioria das pessoas já é bom o suficiente. Mas o líder NF deseja todo mundo feliz ao seu redor, por isso gasta muita energia tentando ser o que idealizou que os outros

querem. Frequentemente vive um paradoxo, querendo, ao mesmo tempo, manter a autenticidade como seu mais alto ideal e abdicar dele constantemente buscando agradar os outros.

Quando ensinam, os NFs são convincentes porque acreditam firmemente no que ensinam ou pregam. Desejam inspirar seus alunos ou ouvintes para grandes atos de bondade e amor e buscam inteireza. Através de histórias reconfortantes, fina articulação e palavras inspiradoras, encorajam seus fiéis a entregar suas vidas completamente a Deus.

Como pregadores, apresentam uma visão profética, já que compartilham com os NTs uma orientação para o futuro. No entanto, suas profecias tenderão a seguir o padrão de um profeta como Oseias – *cuja mensagem tem por tema fundamental o amor de Javé desprezado por seu povo* – ao invés de outros profetas do Antigo Testamento. Esperam que seus fiéis respondam “*como isso fará diferença na maneira como me relaciono comigo mesmo e com os outros*”? A principal crítica aos NFs é que eles são muito idealistas e, por consequência, ingênuos – tendem a imaginar que um simples “sorria e mude o mundo” vai resolver todos os problemas do mundo. De alguma forma, isso pode ser motivo para acusar um líder religioso NF de não ser sincero e considerado como alguém que sempre vive no “mundo da lua”. No entanto, apesar disso, costumam ser professores e mestres excepcionais; são altamente articulados e hábeis em convencer, seduzir e tocar profundamente os corações dos seus alunos ou ouvintes.

Oswald e Kroeger fazem notar que um dos mais conhecidos líderes religiosos protestantes NF da história recente foi Billy Graham. E provavelmente também pertencem à categoria NF líderes como Jim Jones, Joana D’Arc, Martinho Lutero, o Papa João XXIII, Jürgen Moltmann – o maior expoente da chamada teologia da esperança (*Hoffnungstheologie*) –, Dietrich Bonhoeffer, entre outros. São exemplos de líderes religiosos que acreditaram no que estavam dizendo com cada parte do seu ser. Tal é o poder e a possibilidade de um líder NF que, quando plenamente desenvolvido, tem alta competência interpessoal podendo influenciar um exército de seguidores. Claro, tanto para o bem como para o mal!

O NF tem a capacidade de intuir o que outras pessoas estão passando. Essa alta capacidade de empatia e aguçada sensibilidade, o faz muito eficiente no cuidado religioso. Pode capturar a dor pessoal como um radar capta a presença de navios ou aviões. Mas esse extraordinário dom, também pode ser fonte de stress porque nunca sabe dizer “não” à dor dos que estão à sua volta. Sempre atento às dores e necessidades pessoais dos seus fiéis (também de sua família), dificilmente sabe estabelecer limites para si mesmo, podendo ir à exaustão e ficar fisicamente doente. Pode desanimar, especialmente quando sente que nem todo mundo compartilha da mesma intensidade de sua visão. Não por acaso, DK afirma que os NFs são os menos compreendidos de todos os tipos. Os outros três temperamentos realmente têm dificuldades de compreender por que NFs estão continuamente tentando “transformar o mundo”.

O estilo gerencial do líder religioso NF é marcado por carisma e comprometimento pessoal com quem lidera. Gosta e sente-se mais confortável em encontros não-estruturados que facilitam os processos de tomada de decisão em grupo. Tende a ser otimista sobre o futuro e esse otimismo é contagioso, por isso lida bem com os desapontados e desanimados e é excelente no aconselhamento. Envolve-se rapidamente e se torna empático. Como está em constante busca de autenticidade, é capaz de responder sobre situações abstratas, mas é menos competente quando alguém precisa de ajuda prática. E tentará desviar para questões mais profundas, pois será um conselheiro melhor quando tratar de valores, emoções e problemas intrapessoais. É tão naturalmente conselheiro que poderá ter dificuldade de ir para qualquer lugar, mesmo a uma festa, sem que as pessoas automaticamente lhe queiram contar seus problemas. E, embora seja bom nisso, muito de sua energia é consumida.

Potenciais dificuldades/disfunções

Toda força implica em uma fraqueza. Ser muito bom em certas funções geralmente implica em não ser bom em outras. As funções menos ou não desenvolvidas num líder NF são “*Sensing*” e “*Thinking*” (S e T). Os líderes NF terão menos motivação ou sentirão maior incapacidade de administrar detalhes, lidar com especificidades práticas, produzir textos lógicos, lineares. Até podem fazer isso, alguns melhor que outros, mas ser-lhes-á uma tarefa lenta, pesada e difícil.

Áreas em que os líderes religiosos NF podem necessitar de ajuda:

Em atividades administrativas/burocráticas – os líderes religiosos NF ficam irritados quando são tratados impessoalmente, meramente como parte de um sistema na comunidade religiosa ou se tiverem que ficar preenchendo papel o tempo todo; não gostam de estrutura, prazos ou detalhes. Tendem a irritar os outros por privilegiarem alguns, por tornar todas as situações muito emocionais, como uma simples saudação de chegada ou de despedida, ou então por considerar que os outros são “coração de pedra” e antipáticos.

Quando aparentarem ser insossos – como têm grande habilidade de empatia com todos, os NFs muitas vezes dão a impressão de que concordam com tudo quando isso não é verdade. Eles simplesmente seguem em frente, energizados pelo futuro “paz e amor” sonhado, para evitar conflito.

Quando não souberem dizer “não” – Sua maior dificuldade é estabelecer limites pessoais claros. NFs esperam que as pessoas captem sua linguagem corporal e lhes ajudem a estabelecer o “não”. Portanto, necessitarão de apoio para firmar padrões necessários para sua própria saúde pessoal, familiar e espiritual.

Quando tendem seguir as últimas novidades – Embora as últimas novidades possam ajudá-los a descobrir quem realmente são na sua “busca sem fim” pelo *self*, essa forte inclinação por coisas novas, pode ser fatal para o trabalho dos líderes religiosos NFs. Especialmente porque pode parecer infidelidade ou espírito aventureiro para a instituição a que pertence (que, pelo menos nos postos mais elevados, são administrados pelos tipos S). Como muitas

vezes seguem simplesmente a recomendação: “siga o seu coração”, os NFs podem necessitar de ajudar para não “pular de galho em galho”, toda vez que surgir um movimento espiritual novo. Porém, a facilidade de juntar-se ao último movimento ou o desejo de saber das novidades pode ter o lado bom de mantê-los sempre atualizados.

Quando necessitarem exageradamente de elogios e carinho – Dos quatro temperamentos, o NF é o que tem maior necessidade da aprovação dos outros. Poucos elogios tornam os líderes religiosos NFs desmoralizados, desencorajados e desanimados. Quando não são elogiados, facilmente mudam de comunidade, ou começam a privilegiar aqueles fiéis que são mais generosos e os que mais elogiam. Sentem necessidade de muito apoio nesse aspecto.

Quando não quiserem enfrentar conflitos - É absolutamente normal que líderes religiosos não gostem de enfrentar conflitos. E poucos temperamentos gostam de lidar com eles, mas alguns lidam melhor que outros. Os NFs não se dão nada bem com a diferença e a discordância. Eles têm dificuldade em ver o lado útil do conflito ou de compreender essa incontornável realidade na convivência humana. Sempre que aparece algum conflito um líder NF descobre uma maneira de evitá-la porque acha que diferenças podem destruir a maravilhosa e harmoniosa comunhão que foi construída com tanta dificuldade. Porém, um líder NF, com bom treinamento de gerenciamento de conflitos, pode desenvolver melhor as habilidades de lidar com conflitos do que a média dos outros temperamentos. Como é expert na relação interpessoal, o INFP, “curador” (*healer*), em geral consegue mais sucesso do que os outros temperamentos.

Quando estão muito dependentes dos relacionamentos – Naturalmente empáticos, cordiais e afetivos, NFs tendem a atrair os tipos carentes como um ímã. Apesar de saberem que isso pode ser um problema, líderes religiosos NFs muitas vezes estão mergulhados nisso. Tornam-se muito ligados às pessoas e podem ter enorme dificuldade de desapegar-se delas. Despedir-se é uma das tarefas mais difíceis para os líderes religiosos NF.

Na sua “busca sem fim” – A busca contínua por encontrar a si mesmo pode levar os líderes religiosos NFs à inquietante falta de paz e de alegria. Não conseguem ligar a enorme fenda construída por eles mesmos entre “quem sou agora” e “quem posso me tornar depois”. Por isso também nunca se rendem às intermináveis tarefas impossíveis que se impõem. Num constante devir, reconhecem esse espaço como uma questão espiritual que os acompanhará até que possam experimentar algum grau de paz. Como tão bem descreveu o mais famoso NF da história – já caracterizado acima neste artigo – Santo Agostinho: *“O nosso coração anda inquieto enquanto não descansar em ti”*.

Todos os NFs, também líderes religiosos, podem entrar numa espécie de “montanha russa emocional” vacilando com frequência entre a euforia e a depressão. Sendo naturalmente idealistas, podem desanimar facilmente quando as pessoas não compram logo as suas ideias. Relacionar-se com alguém com esse tipo de montanha russa emocional pode se tornar chato para os outros temperamentos.

Por outro lado, NFs estão numa constante “caça ao tesouro” para encontrar o significado oculto em tudo. Como têm fome e sede naturais pelo espiritual, são os tipos que mais apreciam a transcendência (especialmente a autotranscendência – *Selbstüberschreitung*) e a espiritualidade. Mas também necessitam de cuidado espiritual, porque, sem crescimento e desenvolvimento espiritual, podem murchar como uma planta sem água. Não é a toa que a maior parte dos líderes religiosos é NF!

Como vimos, NFs dão grandes mestres espirituais, pois, tomando apenas o cristianismo como referência, durante séculos de sua história, é provável que a maioria dos santos canonizados sejam de temperamento NF. Possivelmente porque, como o mais incompreendido dos tipos, só recebe o devido reconhecimento muitas gerações depois.

4. Brincando com os tipos de DK

Brincando, brincando vão-se dizendo as verdades. Muitas das clássicas piadas (anônimas) de “trocar a lâmpada” ou de “por que a galinha atravessou a rua?” circulam na Internet sobre os tipos de DK. Seleccionamos, traduzimos e adaptamos livremente algumas dessas (exceto as dos NT, de que não tratamos ainda em nossos artigos) e as oferecemos ao leitor.

Quantas pessoas são necessárias para trocar uma lâmpada?

ENFP – Vários. Como não têm lâmpadas de reserva, juntos irão entusiasmadamente para a loja que vende lâmpadas para escolher uma nova e bela lâmpada, (provavelmente vermelha ou ultravioleta...), mas no caminho decidem fazer uma lista de outras coisas de que precisam (leite, papel toalha etc.). Enquanto fazem a lista, notam que precisam regar as plantas e enquanto regam percebem que precisam de um ancinho e juntam esse item à lista. Na loja, compram tudo da lista (e muitas coisas mais) menos a lâmpada. Lembram-se no caminho de volta de pelo menos dois amigos e vão parando para bater papo. Lembram-se também de que estão sem vinho e compram uma garrafa. Como já é quase hora do jantar, passam num drive through compram comida e, chegando em casa, abrem a comida e o vinho e percebem que esqueceram completamente da lâmpada...

ENFJ – Tantos quanto possível: todos devem crescer juntos na comunhão da troca da lâmpada.

INFP – Nenhum. Ele só notará depois de uma semana e depois de vários tropeções no escuro, mas se esquecerá uma e outra vez, perdido em seus pensamentos, devaneios e sonhos. Um amigo STJ (pensando: “fazer o que?”) trará uma de sua casa e trocará para ele. Em todo caso, o INFP fica triste pois conclui que a lâmpada o deixou porque ele não a amava. E guardará a lâmpada velha numa caixinha para o resto da vida, por conta da saudade.

INFJ – Ficaré refletindo se se trata de um sinal da escuridão dos tempos.

ISTJ – Um, mas só se ele mesmo for um electricista profissional e com um histórico confiável de troca de lâmpadas. Se não, não haverá troca de lâmpada, pois estaria fora do padrão.



<https://www.writerswrite.co.za/light-bulb-jokes-for-the-publishing-industry/>

ESTJ – Manda um subordinado trocar. Se não houver um, ele mesmo pega uma lâmpada das duas caixas de reserva que ele tem.

ESFJ – Um, que trocará a lâmpada, arrumará a mesa de jantar, planejará a reunião da paróquia, limpará o banheiro, elaborará a lista de compras do supermercado para o mês que vem, colorirá com as cores de seu código o calendário do

mês, reorganizará seu arquivo de pastas, tudo isso em menos de uma hora.

ISFJ – Um só e fará isso quando perceber que alguém necessita da luz dessa lâmpada.

ISTP – Um só e aproveitará para instalar um gato, que puxa energia por conta do vizinho.

ESTP – Nenhum. O ESTP olhará furtivamente para os lados para certificar-se de que ninguém tenha notado que foi ele, chutando bola, que quebrou a lâmpada. E então usará sua lábia para persuadir outro tipo a trocar a lâmpada.

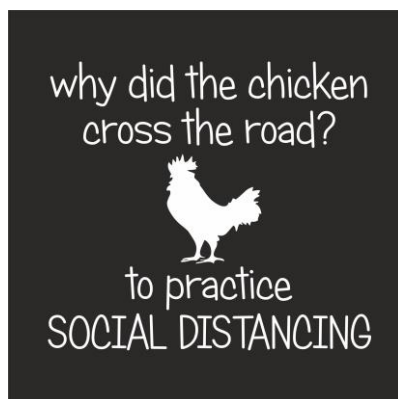
ISFP – Em vez de trocar a lâmpada, acende uma vela: é mais romântico e o bruxulear da chama produz sombras expressivas em vez das sem graça da lâmpada...

ESFP – Dez. Um para trocar a lâmpada por um Globo Giratório Disco Ball e pelo menos outros nove para a festa depois.

Por que a galinha atravessou a rua?

INFJ – Como você pode ser tão insensível a ponto de questionar os motivos de uma pobre inocente galinha?

INFP – Provavelmente ela estava infeliz consigo mesma e já que do outro lado da rua tinha uma energia positiva ela atravessou em busca da harmonia interior.



ENFP – Uma galinha atravessou a rua? É um sinal de que o mundo finalmente está se tornando um lugar melhor. Alegremo-nos!

ENFJ – Eu sempre acreditei que a galinha ia criar coragem para atravessar a rua; ela só precisava de um encorajamento caloroso.

ESFP – Porque tinha uma festa do outro lado.

ISFP – Que bela imagem: galinha atravessando a rua ao pôr do sol!

ESTP – Eu tinha apostado no bolão que ela ia atravessar e, então, eu a convenci de que devia atravessar.

ISTP – Se não me afeta, não tô nem aí.

ISTJ – A galinha atravessou às 14:37 e a travessia durou 23 segundos. A razão pela qual ela fez isso não é importante.

ESFJ – Foram muitas semanas conversando com a família e amigas dela, para que a convencessem de que já era hora de ela atravessar.

ISFJ – Porque eu a ajudei, sem minha proteção a coitada poderia ser atropelada.

ESTJ – Porque era ilegal para galinhas permanecerem naquele lado da rua.

Orações dos tipos

ISTJ – Senhor, ajuda-me a não me estressar tanto com detalhes insignificantes, começando amanhã às 11:41h em ponto.

ESTJ – Senhor, ajuda-me a não controlar tudo. E se o Senhor precisar de alguma ajuda é só falar.

ISFJ - Senhor, ajuda-me a não deixar de ajudar ninguém que precise.

ESFJ – Senhor, ajuda-me a não deixar de saber nenhum detalhe da vida dos outros.

ISTP – Senhor, ajuda-me a ter em conta os sentimentos das pessoas, mesmo que tudo isso seja mimimi e frescura deles.

ESTP – Senhor, dai-me paciência, JÁ, que eu não aguento esperar.

ISFP – Senhor, ajuda-me a não me compadecer tanto dos outros, tadinhos...

ESFP – Senhor, ajuda-me a levar as coisas a sério, especialmente festas e baladas.

INFP - Senhor, ajuda-me a acabar tudo que eu estou começ...

ENFP – Senhor, ajuda-me a focar em uma coisa e não ficar que nem aquela borboleta linda que eu encontrei de manhã, quando estava indo para a escola, para aquela aula chata de física...

ENFJ – Senhor, ajuda-me a controlar essa enorme empatia, que decifra e se solidariza com cada um que cruza meu caminho.

INFJ – Senhor ajuda-me a não usar mais tantas metáforas, senão minha vida será um jogo de xadrez, no qual minhas ações são peças fora do tabuleiro e minha motivação, um rei sem proteção.

Referências

Gama, Mônica Fernanda Rodrigues **“Plástico e contraditório rascunho”**: a autorrepresentação de João Guimarães Rosa. São Paulo: Tese de doutorado Fflchusp-Letras 2013

Keirse, David; Bates, M. **Please understand me.** Del Mar: Prometheus Nemesis, 4th ed., 1984.

Láin Entralgo, Pedro **El Problema de ser cristiano.** Barcelona: Galaxia Gutenberg, 1997

Marías, Julián “Agostinho”. **International Studies on Law and Education.** São Paulo: Feusp 2001, N.3.
<http://www.hottopos.com/harvard3/jmagost.htm>

Prado, Adélia **Poesia Reunida.** São Paulo: Siciliano, 1991

Rogers, Carl **Tornar-se pessoa.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

Roy M. Oswald & Otto Kroeger. **Personality Type and Religious Leadership.** An Alban Institute Publication, 1988.

Sartre, J.-P., A Náusea: Lisboa, Europa-América, 2005